

ROSA AZUL

LILIANE SILVA
PELO ESPÍRITO ADONAI

EDITORA



BABUSKA



ROSA AZUL

*Psicografado por Liliane Silva
Pelo Espírito Adonai*

Liliane Silva

ROSA AZUL

Pelo Espírito Adonai

Editora Babuska



Editado pela:
Editora Babuska Ltda
Rua Conde Vicente de Azevedo, 371
Ipiranga - São Paulo

1ª Edição
Rosa Azul
Psicografado por Liliane Silva
Pelo Espírito Adonai

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Adonai (Espírito).

Rosa Azul / pelo espírito Adonai; [psicografado por] Liliane Silva. -- São Paulo: Editora Babuska, 1999

1. Espiritismo 2. Psicografia I. Silva, Liliane.
II. Título

99-2010

CDD-133.9

Índices para catálogo sistemático

1. Espiritismo 133.9

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra,
de qualquer forma ou meios eletrônicos, mecâni-
co, inclusive de processos xerográficos, sem per-
missão expressa do editor.

Prefácio

Além da linha de um horizonte, acreditamos que o sol, em sua maior plenitude, possa aquecer corações, que por muito doer, perderam seus compassos.

Acreditamos, que acima de qualquer razão, há um alguém tão grande e onipotente, que traz a todas as almas a devida paz, para ver que o dia sempre amanhece.

Vimos plantar as sementes, chamadas de fé e amor, e sinceramente esperamos que a semeadura seja plena e alva.

Olhem para um espelho e vejam os reflexos de vossas almas. Esperamos ansiosos pelo dia que o amor seja o vencedor de todas as guerras e a paz seja seu mentor.

Oxalá, aqueles que realmente entenderem o significado desta história, consigam passá-la adiante, não com palavras, mas sim, em atitudes.

*Que o Pai abençoe a todos
Adonai*

Quando dei por mim, estava ao meu redor, uma multidão. Pessoas as quais nunca tinha visto, porém me olhavam com curiosidade e desconfiança. Outros aparentavam medo...

O que havia acontecido? Não me recordo de nada...

Levantaram-me e apoiaram-me pelos braços, para que eu conseguisse caminhar e sair dali. Eu não conseguia entender o que se passava, somente sentia um ardor, muito forte, em minha cabeça.

Sentaram-me em um banco da praça e depois de muitas conversas paralelas, aos poucos, essas pessoas foram me deixando.

Não entendia nada que falavam, somente o som do vento era reconhecido. Fiquei muito tempo ali e nem sabia aonde estava. Comecei a prestar atenção ao meu redor e percebi que nada era-me familiar.

O que eu estava fazendo ali?

Quando retornei a sentir minhas pernas resolvi andar um pouco para descobrir aonde eu estava. Parei em um boteco, chamado “Boteco do Zé”, para tentar maiores informações. Havia atrás do balcão um senhor de aparência simpática, longos bigodes e cabelos grisalhos. Seu rosto parecia-me familiar, mas não identifiquei de onde. Logo percebi que essa sensação era somente minha, pois o senhor me tratou como a um freguês qualquer.

— O que vai querer?

— Gostaria de sua ajuda, não sei aonde

estou, queria ir embora. Pode me ajudar?

— Você está na Praça das Trindades. Aonde quer ir?

Essa pergunta apunhalou meu peito, pois não sabia o que responder e, de sopetão, indaguei:

— Aonde fica a Praça das Trindades?

— Logo ali, à sua frente.

— Sim, sim, mas qual é o nome desta cidade?

— São Paulo.

— São Paulo? Deus do céu aonde estou?

Sem mais nada a perguntar, agradei e voltei para o banco da praça. Ali fiquei horas até o entardecer se findar e entrar o breu da noite. O boteco ficava logo a frente da praça e vez em quando o senhor bigodudo ia até a porta e me fitava. Não agüentando sua curiosidade, veio até a mim e ficou me olhando, como se eu fosse... sei lá o que.

— Você se perdeu? De onde vem?

Não conseguindo olhar em seus olhos, de cabeça baixa, respondi:

— Não sei.

— Como não sabe? Você apareceu do nada?

— É o que está parecendo.

— Olha filho, vi quando você passou mal, logo ali, e desfaleceu. Será que você tem problemas de memória? Não se lembra de nadinha, nadinha?

— Não senhor. Não consigo reconhecer nada ou lembrar-me de algo.

— Já é noite e você está com um péssimo aspecto. Que Deus me ajude mas... venha filho, tenho um quartinho no fundo de meu bar. Fique lá esta noite.

Sem saber o que fazer, aceitei de imediato, precisava deitar e pensar. Entramos no tal quartinho que mais parecia um chiqueirinho de tanta sujeira e tranqueiras. Em um dos cantos havia uma cama com várias garrafas vazias em cima. O bigodudo com um sorriso maroto, se despediu, fechando a porta.

Tirei todo o entulho de cima da cama, amontoando-os em outro canto do quarto. Sacudi o lençol e o recoloquei, deitando-me e tentando relaxar.

As horas passavam rapidamente e eu não conseguia dormir ou lembrar de algo. Senti medo e muita tristeza...Com muito custo, adormeci.

Acordei em um outro lugar. Havia muitas flores e um aroma delicioso de campo. Comecei a caminhar em direção à uma flor que me chamava muito a atenção. Era uma linda rosa azul, que se fosse analisar bem, era igual as outras, mas aquela, em especial, me chamava a atenção. Toquei-a e senti alguém tocando meu ombro, porém não havia ninguém. Fiquei espantado, mas cativado pela beleza daquela especial rosa azul. Não estava entendendo nada e, com isso, meu desespero aumentou. Ajoelhei-me aos prantos pois necessitava de ajuda.

— Senhor Deus, o que está acontecendo? Não consigo me lembrar de nada.

— Acalma-te, pois você está apenas começando sua missão.

— Quem está aí? Aonde você está? Fale comigo!

Ninguém apareceu e comecei a achar que

estava louco. Novamente, aos prantos, roguei em nome do Senhor e mais uma vez a voz voltou.

— Acalma-te, lembre-se sempre que você está lá porque pediu. Lembre-se que você quis voltar e ajudar. Lembre-se que você veio resgatar.

— Não consigo me lembrar de nada. Isto não é justo, isto não pode ser verdade. Deus, ajude-me.

A rosa azul começou a exalar um aroma delicioso, semelhante a um aroma adocicado e sutil, fazendo com que me acalmasse.

— João, meu amigo, fique em paz e cumpra seu dever. Você pediu e este lhe foi concedido. Faça o melhor e volte para nós.

Levantei bruscamente, suando frio e espantado. Olhei ao redor e lá estavam as velhas garrafas e o quarto imundo.

— Deus isso é loucura, não pode ser verdade. Verdade... preciso saber a verdade. O que está acontecendo?

Levantando da cama, caminhei até a porta. Minha vontade era sair correndo, sem rumo, sem destino.

Coloquei a mão na fechadura para abrir a porta, senti um aroma de flor e com isso olhei para trás.

— Senhor Deus, o que é isso? Uma brincadeira? Quem está fazendo isso comigo?

No chão, ao lado da cama, havia uma linda rosa azul. Saí desesperado e foi aí que percebi que o dia já havia amanhecido.

O Seu Zé já estava acordado e com o boteco

aberto.

— Bom dia garoto. Ainda é muito cedo. Hum ... pelo que me parece você não dormiu bem. Foi por causa do quarto? Eu sei que não estava lá uma rosa azul, mas acho que lhe acomodou.

— O senhor disse uma rosa azul? Por que?

— Meu filho, você já viu alguma rosa azul? Com certeza elas só existem nos jardins do éden, no paraíso. Tome um café quente, isso irá ajudá-lo. Coma também este pão, afinal saco vazio não para em pé.

Na altura dos acontecimentos, não havia percebido a fome. Degustei o lanche como uma ceia e fui interrompido pelo amigo Zé.

— E então filho, conseguiu se lembrar de algo?

— Não senhor, continuo na mais plena penumbra. Não sei nem meu nome. Acho que é João.

— Por que acha?

— Porque alguém me chamou assim.

— Quem?

— Não sei, eu sonhei com alguém que não consegui ver.

— Filho, filho, acho que você precisa ir ao médico.

— Médico de loucos..., é talvez sim, seu Zé. Obrigado por tudo, mas vou andando, preciso descobrir alguma pista. Mais uma vez, muito obrigado.

— De nada meu filho. Vá com Deus e qualquer coisa volte.

Saí caminhando, lógico, que sem rumo. Observei tudo e todos e nada me era familiar.

O sol ardia em meu rosto, secando as lágrimas que eu não conseguia conter. — Como é ruim se sentir só. Como é triste a solidão. Deus, porque recebo isto, o que fiz de tão ruim? Deparei-me com uma igreja e lá fui conversar com Deus. No alge de minhas súplicas, senti alguém se sentar no mesmo banco que eu. Até pensei : pôxa, com tantos bancos vazios, vai sentar logo aqui, do meu lado, assim não posso nem falar e nem chorar, pois tenho vergonha. A curiosidade fez-me olhar para ver quem era o intruso e, para minha surpresa, era uma linda mulher de cabelos negros e tez de algodão. Seus olhos, que mais pareciam duas pedras preciosas, pelo seu brilho, eram da cor da rosa e fixaram-me com o mais terno olhar.

— O que queres, por que me olhas?

— Sei o quanto estás se sentindo perdido, sei o quanto estás triste e confuso, porém continue com tua fé e logo começará desvendar teus mistérios.

— Quem é você?

— Talvez possa ser chamada de um anjo para sua guarda. Estarei sempre contigo, apesar de não me ver.

— Preciso de uma explicação, o que está acontecendo?

— Logo, logo saberá. Tenha fé e acredite. Você pediu e foi atendido. Faça o melhor agora e volte para nós.

Abaixei a cabeça e continuei — Não posso entender, o que eu pedi e o que eu tenho que fazer? Não sei nem meu nome! Por favor, por Deus, não faça assim. Não brinque comigo.

Começo a achar que estou louco. Começo a pensar que caí de algum lugar e bati a cabeça. Por favor, diga-me o que sabe, diga-me a verdade.

E voltando meu olhar para onde ela estava, deparei-me apenas com o resto do banco. Ela se foi e eu fiquei.

Pai, quem estava no quarto dos fundos?

— Acolhi um pobre homem que não sabia onde estava, e o pior filha, não sabia nem quem era.

— Você é louco, poderia ser um ladrão!

— Nada filha, ele não transmitia nenhum perigo. Somente um olhar muito perdido. Fiquei com muita pena do rapaz. Pensei em até lhe oferecer um emprego de balconista aqui, mas ele resolveu ir embora. Que Deus tenha piedade deste rapaz.

— Não faça mais isso, é perigoso.

— Se fosse com você, tenho certeza que faria o mesmo. Do jeito que você é meiga e bondosa, sei que jamais o deixaria na rua e por falar nisso, como sabia que acolhi alguém? Ele deixou o quarto bagunçado?

— Não mais do que já estava. Eu sonhei com isso.

— Você e seus sonhos loucos. Já lhe falei para procurar um médico, isso não é normal. Lembra-se do dia que sua mãe partiu, você me contou que ela veio e contou para você que estava indo embora, antes mesmo de nós sabermos que ela havia falecido. O dia em que fomos assaltados, você também já sabia, tanto que escondeu o dinheiro em outro lugar. O dia que acolhi nosso cão, fiz o maior esforço para escondê-lo e você, sem sair de dentro de casa, já começou a me indagar de que cor ele era. Filha, as vezes fico com medo. Só lhe digo que não saberia viver sem você, portanto cuide-se, você é minha pedra preciosa e só tenho você.

— Pai, eu te amo e jamais o abandonarei.

— É, talvez eu é quem seja anormal, pois o moço também me disse sobre sonhos.

— Sabe qual a direção que ele tomou, Pai?

— Não filha, com certeza ele saiu sem rumo.

— Irei procurá-lo

— Mas como vai reconhecê-lo? Você não o viu.

— Vi sim pai, vi em meu sonho. Volto logo e cuide-se.

Após sair da igreja sentei-me na escadaria e fiquei fitando a paisagem. Havia árvores e flores em volta dela, fazendo com que o cenário fosse sereno e tranqüilo.

Quem era aquela moça que veio até a mim? Se tenho algo a fazer, eu não sei o que é e nem como, mas de onde será que eu vim? Quantas dúvidas e nada para me orientar. Levantei-me e fui em direção ao bar do seu Zé. Iria lhe contar o ocorrido, talvez pudesse me orientar, ou de vez me internar. Percebi que havia andado sem rumo e com isso acabei me perdendo. Já não sabia mais a direção do boteco. Pronto, lá estava eu, de novo, perdido. Tentei recordar, porém havia passado pelas ruas sem me atentar para a direção, me atentei para as fisionomias das pessoas e para as casas.

— Ei moço, moço...

Olhei para trás, mesmo sem saber se era comigo, e para minha surpresa a mocinha se aproximou de mim.— Pois não ...

— Oi, sou Catarina, filha do seu Zé do boteco. Vim em seu encalço para levá-lo de volta para minha casa.

— Por que?

— Não sei ainda, mas gostaria que aceitasse meu convite. Meu pai ficará feliz em revê-lo.

— Obrigado Catarina, vou com você, mesmo porque, eu não tenho rumo certo.

— Será que não? Qual é seu nome?

— Não sei ao certo, mas me parece que é João.

— Venha João, vamos embora.

— Mas e se esse não for o meu nome?

— É melhor do que ser chamado de moço ou psiu.

Pela primeira vez eu sorri. Também, como não sorrir para tão doce beleza. Catarina era jovem e muito bela. Seus cachos louros transformavam-na em um anjo e seus olhos verdes eram a transmissão da paz. Fomos conversando, pois ela era bastante faladeira. Começou a me mostrar o caminho, casas, bancos, lojas e ruas, na eventualidade de eu me perder novamente.

— Acho que daqui para frente ele irá se encontrar!

— Espero que sim Abad, espero que ele consiga, afinal não é sempre que temos essa situação, pois é bastante perigosa. Se ao menos ele pudesse se lembrar...

— Foi assim que ele quis. Eu acredito nele, Zaber. Acredito que ele irá conseguir e voltar para sua missão. Afinal, ele sempre foi guerreiro, e guerreiro voltará.

— Que assim seja Abad.

— Que assim seja Zaber.

Após um bom banho e roupas limpas, João se sentiu melhor e mais leve. O seu Zé lhe ofereceu emprego e moradia. Ele havia perdido um filho, mais ou menos, com a mesma idade que aparentava ter João, e sentia muito sua falta, e há bem da verdade, João até se parecia com ele, talvez por isso tenha cativado tanto o seu Zé. Com muito apreço, seu Zé foi ensinando todo o serviço para João, as marcas, os preços e o atendimento. Mostrou-lhe o dinheiro e quanto cada nota valia. João aprendia rápido, e as vezes se sentia como se já soubesse dessas coisas, mas, com a mente ocupada em tantos afazeres, esqueceu-se, pelo menos, por algumas horas, o mal de seu destino.

Catarina limpou e colocou em ordem o quarto para alojar João. Ela sabia que este havia vindo para ajudar. No que, ainda não tinha certeza, mas sentia um carinho muito grande por ele, e sabia, em seu íntimo, que ele era de paz.

O dia foi corrido, pois não haviam parado um segundo para descansar. Havia muito movimento e muitas pessoas falavam ao mesmo tempo e João somente ouvia, pois não sabia falar sobre nada.

Ouviu sobre política, música, shows, mulheres, assaltos, tragédias, fofocas. Fecharam o bar já muito tarde e recolheram-se ao descanso. A casa do seu Zé era ao lado do boteco, porém havia uma passagem da cozinha do bar para o quintal de sua casa.

— Vá descansar filho, acredito que hoje você irá deitar e dormir, sua fisionomia é de quem está exausto. Depois você acaba se

acostumando com o serviço, eu garanto, pois estou nessa vida a vinte anos.

— Obrigado mais uma vez, espero poder retribuir um dia.

— Não estou lhe cobrando, ou lhe ajudando com segundas intenções, meu filho, apenas quero lhe ajudar.

— Obrigado e boa noite.

— Amanhã você não precisa se levantar cedo, pois não abro o bar.

— Por que não?

— Porque é domingo e aos domingos eu descanso. Já sou velho demais para trabalhar todos os dias.

— Domingo..., domingo..., o que significa domingo?

— Nossa senhora, filho, até isso você não sabe? Vá dormir, amanhã venho para conversarmos. Tentarei puxar sua mente para este mundo. Será você um alienígena ?

— Quem?

— Nada, nada, é brincadeira. Descanse e tudo ficará bem. Boa noite João.

— Boa noite seu Zé, dê boa noite para Catarina.

Você acha que ele deve ficar sem saber de nada mesmo?

— Claro Zaber, ele pode deixar suas emoções interferirem na missão, que ele próprio se propôs a fazer.

— Mas ele acha que é louco, e essa não é a verdade.

— A verdade, meu amigo Zaber, é uma só. No momento certo ele vai saber agir.

— Mas Abad, não acho justo que ele se sinta perdido assim, sem ao menos saber o que faz naquela terra novamente. Será que, sem nenhuma diquinha, ele vai conseguir cumprir o que propôs.

— Zaber, você já foi humano, e quando você foi para aquela terra, você também não sabia o que estava fazendo lá.

— É diferente, eu tive a vida normal, eu fui gerado, nasci, cresci e morri.

— Se analisar bem o caso dele, não há diferenças. Ele foi para cumprir uma missão e não voltar mais para lá. Ele, quando se propôs a isto, foi gerado, ou seja, recebeu todos os ensinamentos e instruções para corrigir seu erro; quando do nada apareceu naquela praça ele nasceu, agora ele vive. Há muito ainda para você aprender e entender, meu amigo. No decorrer dos fatos, estarei lhe dando todas as explicações cabíveis e necessárias. Agora, o que eu posso lhe adiantar é que, nosso Deus, na sua simplicidade e justiça, permite a todos o seu livre arbítrio. Você quando era humano fez todas as suas vontades. Sofreu porque quis,

foi feliz porque quis, foi honesto porque quis e foi infiel porque quis. Quando você partiu daquela terra, você escolheu não mais voltar e cumprir outras missões aqui e com isso obter novos aprendizados. Você poderia ter voltado e vivido tudo novamente, tentando consertar seus erros.

— Sim, sim, eu sei disso. Preferi esperar, aqui, a minha amada Amália. Preferi deixar ela viver sua vida agora, sem a minha interferência. Acredito que aqui, orando por ela, serei mais útil. Talvez ao lado dela, como carne, eu poderia falhar de novo. Lembro-me que meu ciúme era impulsivo e acreditei que aqui eu conseguiria mudar esse sentimento.

— Pois é Zaber, então você concorda comigo que o que está ocorrendo agora, nada mais é do que o livre arbítrio de Deus. Como você já expôs, é um caso bastante diferente, difícil e complicado, mas para nosso amigo “João”, o melhor seria assim e Deus assim permitiu. Deus lhe deu uma nova chance, pois não poderia voltar o tempo e mudar o ocorrido, mas sim consertar daqui para frente.

— Mas Abad, o que irá acontecer se ele não conseguir?

— Conforme ele próprio combinou conosco, se ele falhar, ele irá reencarnar, cumprindo assim rigorosamente as leis universais de geração, nascimento, crescimento e morte para a vida. Quando ele fez o que fez, não mediu as consequências daquele exato momento. Ele era um espírita, que apesar de tudo ainda lhe ser oculto, ele acreditava nas entidades que o

rodiavam, acreditava fielmente em Deus e sabia, até mesmo, das consequências de seu ato impensado, pois este havia sido avisado. Antes mesmo de se completar o desligamento do elo espiritual com o corpo, ele havia se arrependido de coração e pedido fielmente uma nova chance. Mas como disse, não se poderia voltar o tempo. Seu pedido de perdão a Deus foi o mais honesto, o mais fiel e o mais puro possível, e Deus lhe deu auxílio, ensino e, como sempre, o livre arbítrio. O que cabe a nós é orientá-lo mentalmente e orar muito para que ele consiga. Eu sei que ele vai conseguir. Acredito muito nas almas que se redimem da forma a qual ele fez, pura e humildemente. Sei que, por mais perdido que ele se sinta agora, ele, em seu mais íntimo, sabe o que deve fazer. Afinal de contas é por isso que estamos juntos dele, precisamos orientá-lo e orar muito por sua alma.

— Puxa Abad, gostaria muito de ter essa confiança que você tem.

— Meu caro, você ainda está aprendendo e vai chegar aonde cheguei, e depois irá aprender mais e mais. Mas para isso você não deve jamais desconfiar das proezas deste universo, pois nem mesmo o mais elevado o conhece ao todo. Senão que graça teria vir para cá e já saber de tudo. O gostoso é aprender e com isso respeitar e amar. O gostoso é saber que em tudo há a mão do Criador e assim também ocorre com a vida naquela terra.

— É Abad, vou chegar lá, afinal tenho você como instrutora.

— Fico feliz em sentir que deixou de ser

machista.

— Nunca fui machista.

— Não mesmo, queridinho ?

Zaber ficou vermelho de vergonha, lembrou-se de um passado ...

— Vamos observar nosso amigo João.

— Veja Abad, é o moço, o moço causador de tudo.

— Não o condene Zaber, pois ele é infeliz. Ele ainda não descobriu Deus. Ele acha que fez o mais certo e ainda o faz.

— Mas não fez, e merece pagar por isso.

— Calma garoto, a justiça deve ser sempre a divina e nunca a humana. Você precisa se desvincular desses sentimentos humanos. Agora você está em outra esfera. A verdade não possui vendas nas vistas. Ela aparecerá e é aí que temos que orar muito por nosso amigo João. Acalma-te, justiceiro de araque, vamos observar e emanar energias positivas para as mentes destes humanos.

Olá seu Zé, como tem passado?

— Bem e você Gualberto (respondeu secamente).

— Bem também, mas me sirva uma branquinha.

— Como você pode ver o bar está fechado. Não abro aos domingos, já esqueceu?

— É verdade, esqueci que é um velho e precisa de um dia para a preguiça, porém eu quero e pronto.

— Então vá procurar um boteco aberto, pois esse está fechado.

— Olha aqui velhote, o que eu quero tem que ser na hora.

— Gualberto, pare de molestar meu pai. Chega , vá embora. Vá procurar quem tem paciência com você.

— Ainda me caso contigo, boneca.

— Nem morta.

— Vamos ver.

— Vá embora ou eu chamo a polícia.

— E daí, meus pais tem dinheiro e saio de lá a hora que este falar mais alto. Isso já aconteceu antes. Ninguém me prende, sou livre como um pássaro, faço o que quiser.

Seu Zé começou a ficar vermelho de raiva. Catarina, ao perceber a pertubação do pai, segurou-o pelo braço empurrando-o para dentro da casa.

— Venha pai, não dê confiança para esse moleque. Não vale a pena.

Gualberto saiu dando gargalhadas estarrecedoras.

— Esse moço filha, não quero você ao lado dele, nunca. Ele não é boa pessoa, ele é mau, ele... ele...

— Calma, calma, venha vamos entrar, esqueça dele, não vale a pena, papai.

Catarina entregou-lhe um copo com água e açúcar para acalmar os nervos. Ele sempre provocava seu pai, e na época que seu irmão Carlos era vivo, assim também o fazia. Pobre Carlos, não se sabe ao certo como veio a falecer. Pobre Carlos, tão moço... tão bonito...

João, por ouvir as súplicas de Catarina com o pai, tomou a liberdade de se direcionar para o portão da casa. Tocou a campainha e foi entrando.

— Oi João, como vai você? Dormiu bem?

— Sim Catarina, feito uma pena. Me sentia cansado, mas meu sono foi confortante, e já estou bem disposto. Mas ouvi algumas lamúrias de sua parte, aconteceu algo?

— Nada de mais, somente meu pai que ficou nervoso com um freguês chato e encrenqueiro.

— Posso vê-lo?

— Claro, entre.

— Oi seu Zé, tudo bem?

— Oi filho, tudo bem.

— Catarina me disse que se aborreceu. Posso ajudá-lo?

— Não filho, já passou. Existe um rapaz que eu não gosto. Ele me transmite coisas ruins. As vezes acho que tem o diabo no corpo. Ele é horrível.

— Nossa seu Zé, diabo no corpo? Credo, como pode isso?

— Dizem que o diabo é ruim, mas é que ainda não conheceram esse moleque.

— Acalme-se pai, você já está se alterando de novo. Não faça isso, por favor. Vá se deitar um pouco.

— Mas filha...

— Pai, assim como você só tem a mim, eu só tenho a você, portanto cuide-se. Vá descansar, vá se distrair com outras coisas.

— Tá bom, tá bom. João, você quer me fazer companhia?

— Claro, será um prazer.

— Venha, sente-se aqui, vamos ver televisão.

— O senhor ontem, me disse que iria me dizer o que é domingo. Estou curioso.

— É um dia da semana, meu filho, e neste dia, em específico, muitas pessoas descansam, vão a missa, passeiam, assistem televisão, etc.

— Ah, lembrei, segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado e, finalmente, domingo.

— Muito bem. Será que consegue se lembrar dos meses do ano?

— Diga um, seu Zé.

— Outubro.

— É..., bem..., deixe-me pensar.

— Para te ajudar o primeiro é janeiro.

— Quantos são?

— São doze.

— Puxa, vamos lá, janeiro, ...,

Após alguns minutos ditou todos os meses sem errar. O seu Zé foi fazendo perguntas básicas, para ajudá-lo a se lembrar, assim como as estações do ano, quantos são dois mais dois, o que comemoramos no natal, contagem dos

números, etc.

Houveram algumas engasgadas porém seu Zé, na maior calma, foi ajudando o pobre moço a consertar seu esquecimento.

Assim chegou-se a hora do almoço e João foi convidado a se sentar a mesa e almoçar com seus amigos. Seu Zé deu as mãos e fez uma prece:

“A Deus, todo poderoso e misericordioso, agradeço nossa alimentação de hoje e sempre. Obrigado por minha filha e, agora, por este novo amigo. Obrigado por hoje eu poder ajudar mais um filho seu. Obrigado por mais uma vez eu ter com o que me alimentar e alimentar os meus. Agradeço e peço que a paz sempre reine neste lar. Que a união seja a palavra chave de nossos corações. Que o perdão seja o mais sublime dos sentimentos em nosso peito. Que o Senhor esteja presente em nossos sentimentos.

Obrigado.”

João se comoveu e sem pedir permissão foi dizendo:

“Obrigado ao Pai Supremo, que me concedeu uma nova oportunidade de estar aqui e acertar. Obrigado ao Pai Supremo de ouvir minhas preces e me auxiliar. Obrigado por mais uma vez eu poder sentir o calor dessa união. Amém.”

Os três permaneceram em total silêncio. Cada um com seu pensamento, porém o contexto era o mesmo. O que João quis dizer com isso? O que ele sabe? Do que se lembrou?

Iniciaram a refeição menos João, que

continuou perdido em suas próprias palavras.

— Não vai comer?

— Ah.... sim, vou sim, obrigado Catarina.

— O que foi João, o que lhe afligiu?

— Não sei direito, seu Zé, mas minha oração saiu tão forte, que ainda não consegui entender o significado de minhas palavras, somente me senti como revivendo esta cena. De onde eu não sei, mas acredito que esta sensação seja o começo de um descobrimento.

— Com certeza, meu filho, com certeza. Alimente-se e depois conversaremos mais.

Após a refeição, Catarina serviu uma deliciosa sobremesa de frutas, que João repetiu por duas vezes.

— Meu querido irmão também adorava esta sobremesa. Ele comia muito mais do que você!

— Na realidade, Catarina, senti vergonha de pedir de novo.

— Tolo, dê-me seu prato, vou servi-lo.

— O que aconteceu com seu irmão?

— Faleceu, à quatro anos, de acidente.

— De carro?

— Não, manipulando uma arma.

— O que ele fazia com uma arma?

— Nós achamos que ele a estava limpando. Essa arma é a que fica no bar, para proteção contra ladrões. Temos que nos prevenir, apesar dos fregueses serem sempre os mesmos e até são amigos já a algum tempo.

— Quantos anos ele tinha?

— Dezenove.

— Nossa, muito jovem. Coitado né, ele poderia estar aqui conosco. Ai... desculpe-me,

não queria falar assim, perdoe-me.

— Tudo bem, já passou, agora não carregamos mais nenhuma mágoa, e sim saudades e amor. Isso, com certeza, nunca irá morrer. Hoje podemos falar dele sem chorar, podemos dizer que Deus foi justo até nesta hora. Com certeza chegou o seu momento.

— Ainda acho que era muito novo e teria muito a aprender.

— Até concordo, mas foi assim que Deus quis.

— Você acredita mesmo que a hora da morte, é sempre escolhida por Deus?

— Claro que sim, Ele comanda nossas vidas. Tudo o que passamos é Ele que nos envia.

— Ah, brincou! Você acha que se sofremos é porque Ele está comandando isso?

— Se for o que merecemos. Por que, você não acha?

— Não.

— Por que não? O que você acha então?

Perdendo-se em seus pensamentos confusos, respondeu com simplicidade — Não sei.

— Como não sabe, se não tem opinião a respeito, então, seria melhor se calar. Assim você me faz crer que não acredita em Deus.

— Não, não, muito pelo contrário, estou entregando a Ele a sorte de meu destino. O que eu acho, o que eu quis dizer, é, que as vezes, nós tomamos atitudes contrárias aos nossos próprios pensamentos e aí cometemos um grave erro, o de mudar o percurso natural da vida. Acho que Deus, em sua grandeza, jamais iria mandar um filho seu, para viver aqui e sofrer

sua existência. Acredito sim, que Ele tenha dado uma nova chance a este ser, para se redimir de seus erros. Acredito sim, que Ele tenha dado o direito da reencarnação, não para um sofrimento, mas sim para um aprendizado. Tenho certeza que Ele não quer as lágrimas, mas sim os sorrisos. Não quer a doença do corpo e sim a saúde da alma.

— Não entendi, explique-se melhor.

— Tipo um suicida. Não acredito que Deus tenha programado sua morte, assim, acredito que este suicida atropelou o percurso natural da vida, pois Deus o queria vivo para cumprir sua missão, por mais dolorosa que este achasse ser. Não há dores, nem sofrimentos quando nos entregamos à Deus, pois aí demonstramos confiança em nosso Criador, e sua mão sempre ampara a quem assim age. Deus não iria mandar-nos para cá para sermos fracassados. Um suicida é um fracassado. Acredito que se viemos aqui foi para fazermos algo de bom, de concreto, com sucesso. Acredito também, que só o fato de podermos reencarnar para uma nova chance, para redirmos, para aprendermos, já possa ser considerado um sucesso. Tenho muita curiosidade em saber como fica a alma de um suicida. Você sabe?

— Não sei lhe responder isso João, mas entendi seu ponto de vista. Tem razão, Deus não iria querer fracassados e sim vitoriosos e aquele que termina com sua vida, por vontade própria, está fugindo da realidade, do percurso dado por Deus.

— Viu, não estava tão errado assim !

— É, mas no caso de meu irmão, foi um acidente, ele não se matou, apenas foi um acidente e com certeza, hoje, ele está com Deus, ele não fugiu ao percurso natural da vida. Foi um acidente.

— Desculpe-me, não quis ofender.

— Tudo bem.

Catarina ficou afobada e sentiu-se ofendida. Como alguém que diz não se lembrar de nada, poderia falar assim, com tanta confiança?

O seu Zé estava cochilando no sofá e João achou melhor se retirar.

— Vou dar uma volta. Quando seu Zé acordar, você poderia me chamar?

— Claro. Não vá se perder, tá?

— Tá bom, obrigado.

E mais uma vez saiu sem rumo, só que desta vez, prestando atenção no caminho. Foi novamente aquela igreja e resolveu sentar-se no mesmo banco de antes. — Quem sabe o meu anjo não reaparece!

Olhando para as imagens da igreja, teve a sensação de já as ter visto antes. — Talvez do lugar de onde venho, tenha uma igreja com estas imagens. Espero me lembrar logo.

Muitas pessoas começaram a entrar na igreja. Estava começando a missa da tarde. João ficou e tentou acompanhar as falas.

Uma senhora gorda, que ficava na parte superior da igreja, tocava órgão e começou a cantar “Ave Maria”, e João, muito atento em seu canto, foi, cada vez mais, se emocionando.

Vinha em sua mente a fisionomia de uma senhora muito bonita e simpática, cabelos

louros e olhos verdes. Sua expressão era de muita paz e harmonia. Transmitiu a ele um sentimento maternal, porém sem muita explicação. Gostando de sentir esta sensação, continuou compenetrado na música e na imagem de sua mente, tanto que não percebeu quando a música acabou e todos haviam se sentado. Ele permaneceu em pé, com os olhos fechados, concentrado na senhora que lhe aparecia na mente. Alguém puxou sua camisa. Era a senhora que estava sentada ao seu lado, fazendo com isso que ele perdesse a concentração. Olhou assustado para ela e esta pediu para que se sentasse pois o público, atrás dele, queria ver o padre. Pediu desculpas e se sentou. Não conseguiu mais prestar atenção na missa. Ficou o tempo todo procurando reaver a imagem da senhora simpática. A missa terminou e João permaneceu sentado no banco da igreja.

Catarina estava muito pensativa, não entendia como alguém que não se recordava de nada, poderia explicar daquela forma. — Quem na realidade é aquele moço?

As vezes achava suas atitudes ou gestos um pouco familiar, porém não sabia com quem ele se parecia. Seu pai, que até então cochilava no sofá, levantou-se e foi para a cozinha, deparando-se com Catarina sentada, observando o nada.

— O que foi?

— Oi pai, acabei de fazer um café. Você quer?

— No que estava pensando?

— Sabe pai, estou com medo desse moço, mas ao mesmo tempo, não. Nós conversamos aqui e ele me pareceu muito esclarecido para quem não se lembra de nada. Desde de sua oração, fiquei pensativa. Acho que há alguma coisa errada. Mas, ao mesmo tempo, confio nele, não consigo entender direito, mas gosto dele.

— Te entendo filha, também sinto a mesma coisa. Desde o primeiro momento que o vi, algo diferente aconteceu comigo, sinto paz em sua presença. Bom, vamos deixar o tempo passar para entender. Confiando em Deus tudo dará certo.

— Hoje, ao me deitar, irei orar muito e pedir ajuda; vamos ver se consigo saber de alguma coisa.

— Nos seus sonhos loucos?

— É pai, nestes sonhos que sempre nos ajudaram.

— Conversei com ele e até fiz com que ele se lembrasse das coisas básicas de nossas vidas, nossa educação, nossa cultura, mas mesmo assim, ele não conseguiu se lembrar de onde veio ou o que faz por aqui. Talvez, ele nunca mais se lembre... Qual será o mistério que ronda esse moço? De concreto, só sei que me transmite confiança e que é um bom moço. Talvez teve que esquecer o que lhe aconteceu. Talvez seu passado tenha sido trágico e seu consciente fez questão de esquecer. Sei lá, vamos entregar a Deus, pois Ele sim, sabe o que deve ser feito.

— Pai e se nós fossemos até a tia Olívia pedir

auxílio espiritual? Quem sabe suas entidades não possam nos orientar e até mesmo orientar o moço.

— Você sabe que não gosto disso. Não acredito que almas venham aqui, não acredito que utilizem ou encarnem em uma pessoa por algumas horas e depois voltam para o céu. Nunca ninguém deu uma explicação lógica para isso.

— E talvez nunca darão, pai, pois somente quem acredita nos anjos vindos para auxílio é que entendem.

— Como filha, como entendem?

— Simples pai, não pedem explicações, apenas trabalham em prol de seus semelhantes, guiados por seus mentores. É algo mágico, é como se também fossemos pertencentes a outro plano. É como se nós pudéssemos, com o auxílio espiritual, mudar o rumo deste planeta. É mágico.

— Como sabe disso filha?

— Eu sinto, eu acredito.

— Acho que você herdou esse dom de sua tia, mas não concordo com isso, não gostaria disso para você.

— Por que não?

— Veja como é a vida dela. Ela trabalha o dia inteiro, dando duro danado para sustentar seus filhos, já que seu marido faleceu. Nunca tem dinheiro sobrando, tudo sempre contadinho, as vezes, me pede algum emprestado. Final de semana, trabalha fazendo faxina nas casas das madames, para juntar um pouquinho a mais de dinheiro, e comprar uma

mistura diferente para os filhos. Domingo, a noite, lava, passa e limpa sua casa. Aí o único tempinho que tem para descansar, que são as noites de terça e sexta, pois as outras noites ela costura para fora, deixa sua casinha ser invadida por um bando de gente desconhecida. Vai lá, recebe o santo, que fica falando com um por um, resolvendo problemas e dando uns negócios, que Olívia me disse que são passes espirituais. Sei lá o que é isso, mas não deve ser de graça que Olívia arruma essas coisas para dar aos outros.

— Pai, pai, quanta bobagem. Olha só, deixa eu te explicar o que a tia já me contou. Ela tem o dom mediúnico, que é divino, onde entidades utilizam seu corpo para se comunicar com quem as procura.

— E para que se utilizam de um corpo?

— Ora pai, como é que um espírito vai se comunicar com um humano?

— Ué, do jeito que fazem com você, por sonho.

— Mas nem todas as pessoas possuem esse dom, ou acreditam nessa percepção. Então uma entidade vem, incorpora em um corpo que tem o dom espiritual e aí se comunica, ajudando a nós, seres humanos. Uma pessoa médium não significa que é um ser diferente dos outros, esta pessoa trabalha, estuda, come, dorme, assim como todos. Não é porque possui o dom divino da mediunidade é que vai ser rico de dinheiro. Com certeza, se este médium souber respeitar esse dom, sua riqueza virá em sabedoria, amor e paz.

— Mas também não deveria passar necessidades!

— Pai, todos nós passamos por necessidades, sejam financeiras, sejam do corpo, e até mesmo da alma. É o que eles chamam de provações que temos que passar e com isso aprender. Se um médium se dedica de corpo e alma à suas entidades, não há mal que possa lhe afligir, não há transtorno que possa desviar-lhe o caminho. Deus não é igual a dinheiro. Deus é paz e o dinheiro é o anti-cristo. Então se um médium tem Deus em seu coração, lógico ele tem paz e portanto não se aflige com esses problemas que causa o dinheiro. Na realidade essa atitude não deveria ser tomada apenas por médiuns, mas sim por toda a humanidade. Em sua fé, sabe que tudo é passageiro e que sua maior riqueza é aquela contida no coração com amor. Essa riqueza interior não compra nada, ela é doada aos outros.

Seu Zé ficou pensativo, coçou a cabeça, olhou bem nos olhos de sua filha e respondeu — Não entendo isso. Acredito fielmente que existe um “Deusão” olhando por nós e guiando nossas vidas. Acredito muito que os santos são filhos e que Cristo não morreu a toa, Ele nos mostrou que devemos acreditar em seu Pai e tudo dará certo, porém, não cabe nesta minha cabeça oca, como um espírito entra em um corpo?

— Há mistérios entre o céu e a terra que nós jamais saberemos. Apenas acredite.

Esta garota é bem esperta, não é Zaber?

— É, apesar da pouca instrução e idade, possui o dom de explicar bem o que já aprendeu.

— E por falar em saber explicar bem, vamos a nossa aula de hoje.

— Agora Abad! Mas não me preparei.

— Para falar de Deus e com Deus, não é necessário preparação, somente fale com o coração puro.

— Tá bom, vamos lá, o que quer de mim?

— Já entendeu direitinho qual será a sua missão daqui para frente?

— Mas você ainda não me disse qual será!

— É você quem vai me dizer, amigo.

— Como vou saber?

— Com o coração puro, Zaber!

— Ai, ai, não sei como fazer. Com o coração puro, hoje é fácil, porém para se chegar a saber qual será minha missão, daqui para frente, é que é difícil.

— Não é não, tolinho. Recapitule tudo o que você sabe, e aí sim, com o coração livre de sentimentos negativos, saberá qual será sua missão, pois é você quem irá decidir.

— Eu preferia que você me dissesse...

— Eu prefiro que você pense e sinta. Reviva com emoção e amor... coração puro... coração puro...

Respirando fundo, fechou seus olhos. Fez questão de sentir uma brisa em sua face, imaginou-se em um campo florido, com relva plana e verde. Olhou ao céu e sentiu a vibração

da paz.

— Fui humano e vivi intensamente um louco amor. Mais errei do que acertei. Queria a minha justiça, nunca soube esperar pela justiça divina. O que era meu, era meu e de mais ninguém. Adorava ser o centro das atenções, adorava estar sempre rodeado de amigos. Adorava uma fofoca ou notícia fresca. Adorava ter dinheiro para gastar com bobearias, sempre pensando em mim. Adorava sair com amigos, comer bem, beber muito, lugares chiques e, no final, pagar a conta de todos, pois isso me dava poder, e eles, é claro, viviam me rodeando, não por mim, mas sim, pelo dinheiro. Tinha um jeito rude, mas me sentia feliz.

Um dia conheci uma mulher maravilhosa. Não era bonita para os outros, mas para mim era uma deusa. A conheci em meu serviço. Eu fazia colunas para um jornal, também por isso adorava uma fofoca, e ela veio até a repartição para dar uma queixa. Esse setor nem era meu, mas me encantei tanto com ela, que fui atendê-la.

Ah Deus, sinto até hoje aquela sensação gostosa, aquele frio na barriga, aquele olhar meigo me queimando o corpo. Ah, doce Amália!

Conversamos muito e pronto, me apaixonei. Por várias vezes nós saímos, nos divertimos, fomos felizes naqueles instantes, porém eu já era casado e tinha um filhinho.

Amália não aceitou essa situação e se separou de mim. Naquela época a separação de casais era quase um crime, um desaforo a Deus, porém, eu não me importei muito com isso,

continuei atrás de Amália. Fugimos... fomos para longe daquela cidade, eu, ela e nosso louco amor.

Era louco por ela, tanto que abandonei minha mulher e filho, sem ao menos dar maiores explicações. Saí do emprego, sem me importar com o que iriam falar ou se eu seria a próxima vítima da manchete. Nunca consegui controlar o meu ciúme por Amália, e com isso acabei sufocando nosso amor. Tinha ciúme, muito ciúme dela, tanto, tanto, que chegava ao cúmulo de trancá-la em casa, para que ela não mostrasse seu rosto, seu corpo, sua beleza para os outros. De um louco amor, passei apenas a ser louco, e acabei perdendo minha Amália, que fugiu de mim, por não me agüentar mais. Fiquei desesperado, pois não podia viver sem ela. Eu realmente a amava muito e sei que ela também me idolatrava, me amava tanto quanto eu, porém meu ciúme, minha possessividade, fazia com que eu a maltratasse e ela não agüentou. Esqueci de confiar nela e de respeitá-la. Procurei-a por vários lugares, mas tudo em vão, e eu não desistia.

Precisava pedir-lhe perdão e voltar a viver nosso amor. Quando a encontrei, ela já estava morta. Perdi, de vez, minha doce Amália.

Fiquei desesperado. Ela foi embora e eu não consegui pedir-lhe perdão. Ela me deixou...

Até então, não tinha percebido quanto tempo se passara para eu reencontrá-la morta. Foram dez anos de procura. Depois disso vivi mais vinte e dois anos e cada dia era uma eternidade. Entreguei-me por completo a desilusão. Só

trabalhava para ter o que comer e onde morar, e nada, nada mais tinha valor. Passei a odiar as pessoas, os animais, a vida.

Morri sozinho em meu quarto, e só foram achar meu corpo porque o inquilino da frente sentiu um odor forte e ruim, que vinha do meu quartinho. Vivi oitenta e quatro anos, na época de 1802 a 1886, dentre os quais somente cinco anos eu soube, realmente, o que era amar, mas não soube lidar com o ciúme. O que era meu, era meu e de mais ninguém.

Quando desencarnei permaneci ao lado de meu corpo e até mesmo custei muito a entender que eu tinha morrido. Vi quando me enterraram como indigente, pois eu não tinha ninguém. Fiquei durante muito tempo no cemitério que fui enterrado. Eu ficava ao lado de minha cova, como que esperando meu corpo se levantar. Descobri outras almas que também se alojaram no cemitério, por não saber, assim como eu, para onde ir.

Numa noite, chovia muito, e um companheiro me convidou para irmos às ruas ver as pessoas, fiquei curioso e fui. Muitas coisas haviam mudado, os carros estavam mais modernos e bonitos, haviam construído casa em cima de casa e meu companheiro, que se chamava Pedro, me explicou que eram apartamentos. Fiquei admirado com as mudanças que ocorreram, e curioso para saber quanto tempo havia se passado, após meu desencarne. Tinha fome e fui procurar do que me alimentar. No cemitério me alimentava da energia dos mantimentos que as pessoas jogavam no chão

ou nas lixeiras. Era uma briga boa entre nós. A água era mais fácil, era só esperar chover.

Pedro me ensinou que se eu me aproximasse bem, mas bem mesmo, de uma pessoa que estivesse comendo, eu poderia sentir o sabor da comida. Não acreditei, mas tentei e o pior é que, após algumas tentativa, eu consegui.

Com isso achei que a vida nas ruas seria melhor do que lá, no cemitério. Começamos a vagar sem rumo, eu e meu companheiro Pedro. Podíamos ouvir as conversas das pessoas e foi então que descobri que havia se passado oitenta anos de minha morte.

Oitenta anos !! Fiquei tudo isso dentro de um cemitério, quantos anos eu iria, agora, ficar nas ruas? Era nisso que eu mais pensava. Quando vivo eu era muito materialista e pouco me importava com a religião, Deus, ou qualquer outra forma de se chegar até ele. Ouvia sempre minha mãe rogando aos santos e rezando o terço. Minha mulher era católica e todos os domingos ia a igreja. Já minha amada Amália era espírita. De vez em quando ela fazia uns rituais estranhos na casa, assim como, acender velas, incensos cheirosos e falava com as paredes. Benzia crianças doentes, que depois as mães voltavam em casa para agradecer a melhora dos filhos.

Falava muito sobre espíritos e anjos que vinham para nos ajudar, mas eu não dava atenção. Lembro que ela tinha uma cômoda com um monte de bugigangas em cima, santinhos, velas, incensos, guias, flores, e em um de meus ataques de ciúme, joguei tudo no chão, quebrei

tudo. No dia seguinte caí da escada, pois fazia bicos como pedreiro, e quebrei a perna. Fiquei doido de raiva, pois com isso Amália tinha que sair para comprar remédios e comida.

Que ciúme doentil. Mesmo quando estava vagando e lembrava-me dessas cenas, o ciúme me aflorava e sufocava, foi onde descobri, que com a força de meu pensamento, eu conseguia mover os objetos. Pedro me explicou que poderíamos fazer cair ou mover as coisas pequenas, com isso, resolvemos brincar de assustar as pessoas. Até que um dia, que não sei direito qual era a comemoração, mas via que a casa estava cheia de gente bem vestida, uma mesa farta e muito falatório, resolvemos derrubar o copo que estava em um cômodo, próximo a um quadro de Cristo.

Aí percebemos que por mais força que fizéssemos, não conseguíamos derrubar nada. Observei um rapaz que se sentou perto da janela, parecia passar mal, pois estava com a cabeça abaixada, mas ele balançava os lábios, como se estivesse falando com alguém. Vi uma luz se aproximando dele e cobrindo todo seu corpo, como se fosse um contorno.

— Pedro, tá vendo aquilo?

— Tô, vamos sair logo daqui.

— Por que? Olha como é bonito!

— São eles de novo e podem nos levar.

— Quem?

— Uns tais anjos ou sei lá o que. Já me visitaram algumas vezes, durante esse tempo todo ao qual vago e sempre vêm com a mesma ladainha.

— Que ladainha? O que falam?

— Quer saber o que é, pois então fique aqui, mas eu vou embora.

— Pedro, porque só o rapaz possui esta luz? Os outros não tem nada disso!

— Ele é médium e está falando com sua entidade. Com certeza ele sentiu a nossa vibração e buscou socorro.

— Não estou entendendo nada, você quer ser mais objetivo, rapaz!

— Tchau.

— Pedro, espera... espera...

Fiquei fascinado com aquela luz. Observei o tempo todo, porém não tinha coragem de chegar mais perto do rapaz. Ele ficou a noite toda envolto por esse véu brilhante. Como era lindo!

Quando ele foi embora daquela casa, resolvi segui-lo. Fiquei alguns dias em sua presença, pois adorava quando aquela luz aparecia. Reparei que quando ela sumia, resplandecia no rapaz, uma cauda que começava na cabeça e se arrastava ao chão. Notei que ele não via isso, pois por muitas vezes, coçava a cabeça e não a ofendia. Era composta por elos interligados e, cada um deles, emitia uma cor e um som diferente. Era fascinante.

Quando o moço estava feliz, o brilho era tão intenso que ofuscava meus olhos mundanos. Hoje sei que eram as auras mediúnicas do rapaz, e que aquela luz que sempre aparecia em volta de seu corpo, era a energia de sua entidade mentora. Todas as vezes que o rapaz invocava a presença da entidade, essa luz vinha a ele. Muitas vezes observei que sua vida era

corrida e quando se pegava no desespero, lá estava ele, invocando aquela gigantesca e misteriosa luz. Ele não a via, mas a sentia. Cada vez mais fascinado por essa comunicação, que para mim era muito bonita e curiosa, continuei seguindo esse rapaz, mas sempre permaneci a distância.

Ele foi até uma casa diferente das outras, aonde a entrada era bastante iluminada. Tinha um homem muito grande e forte parado ao lado da porta e quando entrei, atrás do rapaz, esse homem me cumprimentou, mas eu não dei importância, estava muito curioso para ver o que tinha lá dentro. Havia algumas pessoas sentadas em uma sala, que falavam baixinho, e outras sentadas em outra sala, que não falavam nada, apenas estavam em estado de meditação. O rapaz, ao qual eu seguia, juntou-se a esse grupo, com isso fiquei aflito, pois podia ouvir o que falavam, mas não podia saber o que pensavam. Fiquei algum tempo observando esse povo que não falava nada e reparei nos detalhes; todos estavam vestidos com roupas brancas e algumas senhoras tinham uma fita verde no braço, e somente essas permaneciam em pé. Não conseguia me aproximar mais, pois tinha uma terrível sensação de medo, apenas fiquei observando. De repente, vários clarões começaram a refletir neste recinto, com muito brilho, muitas cores e formas. Cada membro que estava sentado começou a ficar igual ao que aquele rapaz ficava; uma luz intensa contornando seus corpos.

Me afastei, pois sentia muito frio e medo.

Virei para ir embora e esbarrei em um moço de bigode, dei mais dois ou três passos e parei assustado, pois percebi o contato de “meu corpo” com o “corpo dele”. Como eu havia esbarrado em uma pessoa se elas sempre passavam por dentro de mim e eu delas? Olhei para trás e ele havia se sentado em uma cadeira. Fui para perto dele e com muita força lhe perguntei se ele poderia me ver.

— Claro colega, somos do mesmo plano.

— O que faz sentado aí?

— Esse lugar é reservado para nós.

— Mas e eles? Aponte para o povo

— Eles não podem nos ver, assim também, não vêem este lugar. Estas cadeiras aqui são reservadas apenas para nós, vagantes, que queremos ajuda.

— Vagantes? Ajuda? De quem? Do que está falando?

— Ora meu rapaz, estamos em um centro espírita, onde ouvimos as palestras das entidades de luz e aí decidimos o que iremos fazer de nossas almas. Veja, já vai começar.

— Mas aquele povo ainda está falando e chegando?

— Vai começar para nós, esqueça aquele povo.

— Nós dois?

— Olhe para trás, tontão!

Foi aí que me deparei com um enorme corredor de cadeiras, cheias de almas como eu.

— Sente-se, vai atrapalhar os outros.

— Boa Noite, meu nome é Evlon. Vim aqui para palestrar com vocês. Caros amigos, eu, em

nome de Deus, venho mostrar-lhes qual é o verdadeiro caminho da paz e do amor. Por mais lamúrias, lamentações, blasfêmias e ódio que sintam, não há nada melhor que o caminho da luz para esclarecer-lhes as amarguras.

Deus, nosso pai, sempre nos envia à vosso socorro. Deus, em toda sua grandeza, permite a vocês, seres sem luz, a graça de se redimirem e viverem em amor, união e paz.

O moço de bigode, ao qual me sentei ao lado, perguntou: — Como consigo me redimir? Venho em todas as sessões e você sempre fala em redimissão dos erros, pois só assim poderemos acompanhar vocês. Eu sei aonde erreí mas nunca consigo ir com vocês, pois sempre me falam que eu ainda não me redimi. O que faço?

— A redimissão de suas falhas deve ser feita com muita simplicidade, com amor, sem barreiras ou receio. Deve ser feita com a pureza da alma. Sempre vos digo que todas as lamúrias devem ser deixadas para trás. Que toda a razão que vocês acham ser a correta, deve ser humilde e não arrogante. Toda a justiça, que vocês pedem e procuram, devem ser entregues à Deus para que a justiça divina entre em ação, pois só a Deus é permitido julgar.

Uma mulher gorda, lá no fundo, gritou.

— Você falou em viver em paz, união e amor. Eu morri, benzinho, não estou viva!

Houveram algumas gargalhadas, mas Evlon, com toda sua simpatia, afirmou: — Aí é que você se engana. Você ainda vive. A morte é apenas para o corpo que você possuiu nesta terra. Como tudo, neste universo, tem um

tempo de vida útil. Tudo nasce, cresce, morre e renasce. Uma flor, a princípio era só um pólen, depois criou sua própria raiz, caule e um botão, aí a florou-se em uma flor, permaneceu por um tempo assim e morreu, murchou, mas, pela grandeza divina, ao murchar ela deixa cair outros pólenes que carrega consigo e estes voltam a completar esse ciclo. Considere o tempo, ao qual você era encarnada, como um grande aprendizado, aonde só você poderá dar a sua nota. Considere a morte de sua carne a sua ressurreição para uma nova vida, uma nova etapa. Considere que tudo o que ocorre hoje com você, foi por falta de instruções e fé. Foi por falta de amor.

— O que é fé? — Grita um outro.

— Fé meu amigo, é simplesmente o sinônimo de acreditar em Deus, é o sinal de igualdade com o amor, é o símbolo da paz e a chama acessa de um coração. É o antônimo da descrença, é o inimigo do ódio. É a presença de Deus.

O caminho Dele é um e somente um. Pensem em suas atitudes e palavras. Pensem e reflitam sobre como vieram parar aqui e como sair daqui. Como procurar um caminho melhor. Quem de vocês está feliz com a vida hoje?

A maioria não respondeu, muitos abaixaram suas cabeças, outros disseram, bem baixinho, eu não. Porém houve um que disse: — EU ESTOU !

— É mesmo, respondeu Evlon, então diga a todos o porque está feliz com sua vida.

— Simples, agora eu não tenho ninguém no

meu pé, agora eu faço tudo o que eu quero, me alimento do alimento dos outros, sacio minha sede com a bebida dos outros. Não preciso de dinheiro e nem de moradia fixa. Vago por onde quiser e tenho o que eu quero.

— E o que você tanto quer e tem?

— A LIBERDADE

— Muito bem, então explique para nós que liberdade é essa. Responda minhas perguntas com sinceridade, se sua liberdade for capaz disso.

Liberdade de não ter ninguém no seu pé! E aí, diga-nos, como então é ser só? Pois pelo o que você próprio transmite, ter um alguém no pé, significa um alguém preocupado com você, com seus atos, com seu futuro, assim como fazia sua mãe e sua esposa, quando você saía para beber e jogar. Elas se preocupavam com o que você estava fazendo, pois até mesmo você sabia que não era certo, que suas companhias eram desagradáveis. Elas apenas se preocupavam e então, o amor delas pegava-lhe no pé. Será que hoje você não sente a falta desse carinho, desse afeto, dessa preocupação, dessas mulheres?

Faz tudo o que quer e não há ninguém para se perguntar: Será que vai dar certo? ou, O que você acha? ou, Está bonito assim ? ou até mesmo, Oi tudo bem?

Você se alimenta e sacia sua sede com o que pertence aos outros; lembra-se do dia em que você foi assaltado e lhe levaram todo o seu pagamento? Foi um período difícil, né?, pois você não conseguiu alimentar direito sua

família naquele mês e teve que esperar o próximo para poder realizar os planos do mês anterior. E a carinha de seus filhos então? ... Papai você trouxe o dinheiro hoje, para eu comprar um sorvete? Você prometeu, papai!... Você ficou com tanto ódio do assaltante que até lhe desejou a morte. E hoje amigo, é você quem rouba a energia dos outros? Hoje é você que recebe o nome de sem vergonha, de ladrão? Hoje é você que não tem a capacidade de se sustentar com o que efetivamente é seu?

Dinheiro? Para que dinheiro se você não dá valor nem para uma rosa? E moradia então, para que ? se é mais gostoso sentir o frio da noite adentrar sua alma.

É essa sua maçante liberdade? É essa a sua liberdade tão idolatrada?

Que Deus tenha piedade de ti! Seja feliz, então! Seja feliz, assim!

O coitado apenas se encolheu na cadeira e abaixou a cabeça, quase que, até os joelhos.

Resolvi também perguntar: — Você falou sobre amor, você disse que não soubemos, na vida da carne, o que era amar. Eu lhe digo que amei, amei muito uma mulher. Ela era tudo para mim. Amei, amei muito. — comecei a tremer, pois a saudade me corroía.

Evlon, levantou minha cabeça, olhou bem dentro de meus olhos e com muita sutileza, me disse: — Amigo, amou-a tanto, tanto, que a perdeu. Seu amor não era tão puro assim. Quem ama, respeita, ajuda sem esperar retorno, quem realmente ama, faz com que a pessoa amada sinta-se bem ao seu lado, sintam-se amparada, e

não foi isso o que você fez. Como tudo na vida, tanto material, como espiritual, há um equilíbrio e você deixou o lado negativo, que nesse caso chama-se ciúme excessivo, invadir sua alma e ser mais poderoso que o lado positivo, chamado amor.

— Mas eu não tive a chance de me redimir. Quando a encontrei novamente, ela já estava morta!

— Todos os dias com ela lhe foi permitido a redimissão, todos os dias sem ela, também. Até hoje você assume que seu ciúme era doentil, mas quando pensa nele, deixa que ele se aflore da mesma forma de antes, achando assim que ainda teve a razão de ter sido daquele jeito.

Pense melhor sobre essa situação. Analise melhor sobre esse sentimento. Coloque-se na posição dela e imagine você recebendo as tratativas que lhe dava. Analise com o coração puro, sem dores, nem perdas, aí meu jovem, deixe que a mão de Deus lhe toque, mostrando o quanto foi errado. Aí, meu amigo, você terá sua nova chance.

— Não sei quem é Deus!

— Olhe para dentro de ti e lá o achará, olhe para uma rosa e lá estará sua beleza. Olhe para uma criança e nela estará sua pureza. Olhe para um velho e nele estará sua sabedoria. Olhe para o mundo e verá sua grandeza. Sinta-o na alma e poderá sentir sua bondade.

O silêncio prevaleceu no local e Evlon pediu-nos que prestássemos atenção na sessão que iria começar. Talvez tenham sido as imagens mais bonitas que eu poderia ter visto até hoje.

Todos os que estavam sentados se levantaram e aquela luz maravilhosa, que contornava seus corpos, estava cada vez mais ofuscante. Atrás ou ao lado de cada médium havia uma entidade esperando seu momento. Ao sinal do mentor, elas incorporavam nos corpos de cada um. E aí foi a cena mais linda que pude ver. Os clarões e a vibração do momento era simplesmente contagiante. As auras dos médiuns brilhavam tanto quanto a luz das entidades. Cada um era emanado por vibrações que diferenciavam a forma de ser de cada entidade. Elas se cumprimentavam e, o que era muito interessante, é que cada uma possuía uma luz, as vezes parecia névoa, de cores diferentes e ao cumprimentar-se, transmitiam sua cor para a outra entidade e esta lhe fazia o mesmo, onde no aperto de mão ou no abraço, parecia haver um choque e as cores se misturavam, formando outras várias. Até o final da sessão uma entidade possuía as cores de todas as outras, e isso acontecia com todas. Realmente era lindo. Na sessão, estas entidades atendiam as pessoas, chamadas de público ou povo necessitado (aqueles que falavam baixo). Cada uma dessas pessoas que entrava na sala e falava com uma entidade, a cor de sua aura era uma e quando saía a cor e forma dela se modificava, as vezes aumentava o tamanho, umas até ficavam ofuscantes. Evlon explicava todo o trabalho. Disse que cada entidade possuía sua cor e ao cumprimentar a outra, ofertava sua luz e a outra lhe fazia o mesmo. Era como se ali traçassem um elo de ligação, pois todas

passavam a possuir as mesmas cores, que se misturavam formando outras, fazendo com que o salão ficasse completamente iluminado. Este ato era chamado de troca de energias.

As auras do público eram energizadas com essa mistura de cores e luzes. Todos, na realidade, saíam de lá com um pouco de cada cor, ou seja, com um pouco de energia de cada entidade. Não havia o egoísmo, todos se doavam sem pedir nada em troca. As senhoras de fita verde no braço eram as assistentes das entidades. Eram elas que lhes serviam bebidas e cigarros e outras coisas. Estas também recebiam essas misturas de cores.

Percebi que o público não via as entidades, mas as sentia e acreditavam nelas. Havia um mentor e este comandava tudo e todos. Passava orientações ao qual as pessoas não viam, somente as entidades entendiam e ouviam. Vez ou outra olhava para nós, nos cumprimentava e nos dava mensagens de amor e fé.

Queria muito fazer parte dessa proeza divina e pensava em como poderia ficar ali, com eles. Evlon, ouvindo meus pensamentos me disse: — Hoje você veio e começou a entender a grandeza de Deus, ao qual você nunca acreditou existir. Pense muito sobre tudo o que viu e ouviu, e volte. Hoje, você ainda não parou para analisar seus erros e falhas e poder se redimir. Faça isso e o reino dos céus também será seu.

Não consegui responder, mas pensei: — Essa redimissão, esse perdão, deve ser difícil, pois meu companheiro Pedro nunca veio a um lugar desses. Esse moço de bigode, ao meu lado,

disse que veio aqui várias vezes e não conseguiu partir deste plano. Deve ser muito difícil.

Evlon, que estava de costas para mim, sem ao menos olhar para trás, foi falando : — Não existe o difícil quando acreditamos em Deus. Não existe o difícil quando se desarma suas razões e realmente se ama. Apenas tenham fé.

A sessão terminou e todos nós nos retiramos. Ficaram apenas os homens grandes e fortes, como aquele que eu havia visto na porta de entrada. Eram os guardiães da casa, que cuidavam dela não deixando que forças negativas invadissem o recinto.

Voltei para as ruas, voltei a vagar. Não conseguia tirar o pensamento de tudo aquilo que eu havia visto e até mesmo sentido. Tentei entender o que era a famosa redimissão. Procurei encontrar Deus.

Não sabia qual a forma certa de se falar com alguém tão grande, tão misericordioso.

— Vossa Excelência, não, não... é ... Vossa majestade ... aí eu peguei pesado. Senhor. Presidente, eu gostaria... *Senhor presidente*, que horror! Os nossos nunca foram dignos e muito menos misericordiosos. Isso passa a ser uma ofensa. Deixa-me ver ...

Não achei o termo mais sensato e preferi não falar mais nada. Sentei-me em um banco de praça; a minha frente havia um casal que se beijava intensamente. Lembrei-me de Amália, minha doce Amália, — Como gostaria de lhe fazer feliz, agora. Amo, amo muito você.

Automaticamente revivi todos nossos

momentos, desde nosso primeiro encontro até a tragédia de sua morte. O arrependimento foi batendo a minha porta, a aflição de não mais poder fazer nada para mudar um passado, foi massacrando minha alma. Percebi quão tolo fui, que estupidez, que insensatez. Como pude fazer aquelas barbaridades com a mulher que eu realmente amava. Fiquei sufocado, abatido, parecia que o chão se abria. Na realidade estava envergonhado, e pela primeira vez, após meu desencarne, eu chorei, chorei muito, e em alto tom, falei com Deus:

— “*Pai*”, aonde quer que esteja, escuta-me, por favor. “*Pai*”, esse é o melhor termo para direcionar-me a ti, peço-lhe perdão pelos meus atos. Amália amada, aonde quer que esteja peço-lhe perdão por tê-la feito tão infeliz. Deus, ajuda-me a consertar essas falhas, ajuda-me a saber ser humilde, ajuda-me a conseguir teu perdão e o perdão dela.

— “*Pai*”, agora que lhe descobri, nunca mais irei decepcioná-lo. Prometo-lhe que falarei de ti a todos aqueles que o desconhece. “*Pai*”, perdoa-me.

Um clarão alvo e de extremo brilho adentrou árvores, o vento uivou como nunca e consegui sentir a brisa em meu rosto. Não queria mais que essa sensação acabasse, era maravilhoso e, neste exato momento, entendi o que era sentir a mão de Deus me tocando.

Evlon apareceu a minha frente e sem me dizer nada, estendeu sua mão, e eu a segurei bem firme. Não me recordo de mais nada em relação a esse momento, apenas acordei em um quarto

simples e confortável, e Evlon estava sentado ao lado de minha cama.

— Bom dia amigo! Dormiu bem?

— Como um anjo, estou me sentido muito bem.

— Fique a vontade, tome um banho e relaxe com esses aromas, depois alimente-se, aí eu volto.

— Obrigado, amigo

Vibrei todas as emoções que, no momento, voltava a sentir. Realmente sentia-me limpo, de alma limpa.

Evlon levou-me para conhecer o local aonde estava. Explicou-me que estávamos em um plano superior ao da terra e lá eu iria aprender o necessário para passar para novos planos. Apresentou-me Clarita e Marcus, que dali para frente seriam meus instrutores. Sinto saudades deles, foram muito bondosos comigo. Fui descobrindo aos poucos sobre o meu passado. Entendi que, em vidas anteriores, eu sempre havia sido apaixonado por Amália e ela por mim, mas sempre pequei por um ciúme excessivo. Nunca havia conseguido fazê-la feliz por completo. Em uma das encarnações fui seu pai, mas mesmo assim, o ciúme de pai, fez com que ela fugisse de casa com um vagabundo, que lhe oferecia a liberdade, e nunca mais soube dela. Morri com a mesma mágoa e sentimento de perda que senti nesta.

Apreendi muitas coisas neste plano. Clarita e Marcus me ensinaram tudo sobre as obras, proezas e justiça de Deus. Consegui rapidamente passar para outro plano, onde

também, tive dois outros instrutores, Paulo e Jonas. Neste aprendi sobre o livre arbítrio, sobre o direito de escolha e foi neste plano que me ensinaram sobre reencarnação, e fiquei na dúvida se voltaria ou não. Me explicaram que se eu reencarnasse eu voltaria a me encontrar com Amália e que nossa felicidade estaria em minhas mãos. Que eu não poderia lembrar de nada que aconteceu num passado, pois senão, jamais iria agir naturalmente. Apesar de eu não ver Amália, sabia que ela estava em outro plano, um acima do meu, e que ela optou por voltar para continuar a falar em nome de Deus, pois ela sempre havia sido médium, e também, para consertar suas falhas, principalmente a de sempre fugir das situações e nunca conseguir expor seu ponto de vista e, com isso, adquirir respeito dos outros.

Pensei muito a respeito e resolvi ficar, pois ainda não me sentia seguro para controlar meus sentimentos. Queria aprender mais e, por obra de Deus, o livre arbítrio foi respeitado. Eu fiquei e Amália se foi.

Na hora de sua partida deixaram-me vê-la. Foi muito emocionante nosso reencontro e, para minha paz eterna, Amália me perdoou e pediu que eu a esperasse, pois voltaria para mim.

Nunca mais tive notícias de Amália, as vezes a saudade aperta, mas sei que ainda seremos felizes. Hoje, acho que ela deva ter uns trinta e oito a quarenta anos de idade na terra.

Depois disso fui para o plano ao qual Amália tinha ficado, e conheci você, minha mentora

Abad.

Revivendo cada segundo de tudo ao qual lhe relatei, minha amiga Abad, tenho a certeza que minha missão é falar sobre Deus e em nome de Deus. Ligando os fatos e os aprendizados, não estou lhe ajudando com o João a toa. Com certeza você e Deus querem que eu aja com ele, portanto, quero ser uma entidade de incorporação e assim poder ajudar João e, através dele, um povo necessitado. Quero mais uma vez me redimir perante ao Pai e fazer o que não fiz, em vida terrestre, para com Ele. Amá-lo e respeitá-lo, amar e respeitar meu semelhante, honrar seus mandamentos e transmiti-los a um povo necessitado.

— Puxa Zaber, assim você me emociona. Sabia que não iria me decepcionar. Agora que já sabe o que quer, vamos passar para uma nova etapa, um novo plano.

— Abad, por favor, não me deixe!

— Ah, Ah ! Pensou mesmo que iria deixar você? Se enganou amigo, terá que me agüentar, ainda serei seu calo. Vamos... Vida Nova...

João voltou tarde para casa e achou melhor não incomodar o seu Zé. Não conseguia parar de pensar na senhora loura. Sentia por ela, um carinho imenso, mas não sabia o porque. — Deus, só espero um dia poder saber de tudo o que me aflige. É muito ruim ficar assim, é muito ruim não saber quem sou, ou o que devo fazer. Me sinto só e desamparado. Me sinto infeliz, pois não tenho ninguém e nem amor!

— Que blasfêmia João, pense melhor no que disse!

— Não consigo pensar de outra forma, mas ... Espera aí, quem falou isso? Aonde você está? — Não via ninguém e não ouviu mais nada, somente sentiu o aroma de uma rosa. — Cada dia que passa fico mais confuso. Acho melhor dormir, pois amanhã irei trabalhar. — Porém o sono não veio, e madrugada a dentro, analisou o que havia falado.

Catarina não conseguiu pegar no sono. Estava agitada, queria logo conversar com sua tia Olívia. Queria saber se corria perigo, apesar de não senti-lo.

Seu Zé lia um livro sobre espiritismo, que sua filha havia lhe dado. Apesar da descrença nesta religião, tinha muita curiosidade. — Amanhã vou conversar sobre isso com João, quero ver o que sabe a respeito.

O dia amanheceu e os três dormiram mal. João ficou esperando seu Zé aparecer para abrir o boteco e este, ao vê-lo, até se espantou — Nossa rapaz, o que aconteceu? Um caminhão lhe atropelou? Está com a cara

amassada !

— Deve ser o mesmo que passou por ti, acho que o motorista estava bêbado, sua fisionomia também não está das melhores.

— Ainda bem que hoje o movimento é mais fraco e poderemos fechar o bar cedo.

O dia correu calmo e seu Zé continuava a ensinar o serviço para João. Ao fechar o boteco seu Zé convidou João para jantar com eles, e este, de bom grado, aceitou.

Sentia-se como parte da família, gostava da companhia deles e entendeu que não estava sozinho e que não lhe faltava amor. Catarina havia acabado de chegar do colégio e estava faminta. Fez uma janta rápida e resolveu se trancar em seu quarto para deixar seu pai conversar com João.

— Venha João, vamos para a sala, tome um pouco deste licor, é digestivo.

— Obrigado. Queria aproveitar que estamos a sós e agradecer, novamente, por tudo o que tem feito por mim.

— Pare com isso, filho, não estou lhe cobrando nada.

— Eu sei disso, mas me sinto bem lhe agradecendo.

— Sabe João, me preocupo com você, com esse seu esquecimento, e ao mesmo tempo você consegue se lembrar de coisas. Não consigo entender o que se passa com você.

— Nem eu seu Zé, as vezes acho tudo muito familiar, outras vezes acho que tudo está errado, outras acho que estou sonhando, sei lá..., estou deixando o tempo passar, ficar

desesperado não vai adiantar nada. Entrego-me a Deus.

— Você se lembra da sua religião?

— Lembro-me apenas que sou fiel à Deus.

— Sabe quem é Ele?

— Nosso Pai onipotente, bondoso e misericordioso, o criador do universo.

— O que você acha das religiões?

— De qual delas quer saber?

— Ôpa ! Consegue se lembrar disso?

— Sim, espiritismo, catolicismo, testemunha de Jeová, crentes, budismo...

— O que acha do espiritismo?

— Acho que é um caminho de comunicação à Deus. Acho que dentre todas as formas existentes, assim como os católicos, crentes, jeovás, esta também é uma demonstração de fé, desde que se tenha seriedade.

— Mas as outras religiões não aceitam o espiritismo.

— Assim como os católicos não aceitam os crentes e estes não aceitam os budistas e assim vai. Cada um se sente no direito de julgar seu próximo, de insinuar que aquela religião não presta, ou não é condizente com Deus. Na realidade tudo não passa de uma disputa de poder. Como essas pessoas podem pregar o amor, se só porque seu semelhante tem outra forma de chegar a Deus, se acham no direito de causar uma guerra? Aí eu pergunto : “Deus disputa e/ou impõe seu poder?” Será que o ser humano não entende que quando se tem fé e amor, todos os caminhos levam a Deus, e que se uma pessoa se sente bem na igreja é problema

dela, que se um crente se sente bem em seu culto é problema dele, e se um espírita se sente bem em um centro é problema dele. Deus nos deu o livre arbítrio, ou seja, cada um escolhe o que quer ser ou fazer, Deus apenas ampara, auxilia, mas esse tal ser humano se sente no direito de meter a colher no livre arbítrio, volto a repetir, dado por Deus, de seu próximo. Se sente no direito de julgar, sendo que o único juiz de nossas vidas é um e somente um : **Deus!** O importante é ter fé, é acreditar que Deus está presente em vários lugares ao mesmo tempo, e principalmente em nossos corações.

O espiritismo é a mistura das religiões, a diferença é que as pessoas deixam os seres de luz usufruir de seus corpos e assim poder conversar com o povo, pois este necessita ouvir, ver e tocar.

— Mas, mesmo quando estas pessoas deixam os espíritos usufruir seus corpos, nós não o vemos!

— Alguma coisa se altera na pessoa que tem esse dom mediúnico. Muda-se a forma de olhar, o jeito de andar ou falar e muitas vidências são ditas, em formas de alertas. Quem procura um centro espírita acaba sempre acreditando no que a entidade diz, pois os anjos de luz, vindos para nos alertar, são convincentes e realistas, pois trazem em seus corações a palavra de Deus.

— Espírito tem coração, João?

— Esta é uma forma figurativa de representar o amor.

— Desculpe-me mas eu não acredito em

espíritos!

— Então seu Zé, o senhor não acredita em nada que se eleve a Deus.

— Como não? Eu acredito em Cristo, acredito em Deus e seus santos.

— Sinto em lhe informar, mas Cristo e Deus são espíritos.

— Mas é diferente...

— Por que, seu Zé?

— Sei lá, é diferente.

— Acha mesmo que sua mulher quando morreu, acabou com sua existência?

— Não, ela com certeza virou um anjo, pois era muito boa.

— E anjos são o que para o Senhor?

— São os companheiros de Deus, que ficam ao lado dele.

— São espíritos seu Zé, são espíritos, anjos também são espíritos. O espiritismo foi uma das formas que Deus encontrou para tentar trazer mais fé para este povo descrente.

— Como descrente! Se, como disse, os católicos vão a missa, os crentes tem seus cultos e os espíritas suas sessões mediúnicas, como este povo é descrente?

— A fé não se demonstra em quantas vezes você frequenta a igreja, ou cultos, ou sessões. A fé, que é a crença em Deus, se demonstra em atitudes do dia a dia, em cada segundo da vida. Sempre caímos nas tentações, mas é com o tombo que demonstramos nossa fé, e aí levantamos. Veja um exemplo, ontem mesmo eu blasfemei contra o nome do Pai. Disse-lhe que me sentia só e desamparado e que não tinha

amor. Após pensar bem no que eu próprio havia dito, vi o tamanho da bobagem que tinha feito. Imagine só, eu sozinho, se materialmente ganhei vocês e espiritualmente tenho Deus e seus anjos ao meu lado. Como não tenho amor, se Deus é amor! Percebe as bobagens, as blasfêmias que fazemos?

Não adianta nada freqüentar casas religiosas e aceitar com a cabeça, em afirmativa, o famoso ensinamento do nosso Cristo : “Amai e respeitai seu semelhante”, e ao sair do local sagrado começar a reparar na roupa da fulana, e assim vai ... “se viu a beltrana, vai casar com o beltrano, acho que tá grávida... sabe meu vizinho, chegou tarde ontem, acho que estava fazendo bagunça nas ruas, ele é mal elemento...aquela moça tem umas atitudes e uma forma de pensar que não concordo, ela é totalmente errada...” Isso é respeito pelo seu semelhante? Isso é amor?

E isso acontece, não nos ensinamentos das religiões, mas sim, nas mentes das pessoas. Que moral uma pessoa assim, que se julga capaz de julgar seu semelhante, tem para falar de Deus, pois Este é amor e respeito.

— Nossa João, nunca havia parado para pensar nisso.

— Pois é seu Zé, por isso o mundo está dessa forma, sem amor, sem respeito, com guerras, com pessoas infelizes.

— João, me responda com sinceridade, aonde aprendeu tudo isso?

— Não sei aonde aprendi ou com quem aprendi, só posso lhe garantir que Deus faz

parte de meu coração, que tento cumprir os ensinamentos de seu filho, nosso Cristo. Erro muito, também caio, mas aprendi a ser humilde e olhar para o céu e pedir perdão à Deus, pelo coração e não com a boca. Errando estamos aprendendo.

— É João, acho que tenho que pensar mais em meus atos.

— Todos nós, na realidade, deveríamos aprender a nos julgar, a julgar nossos atos, nossas palavras e nossos pensamentos, como se fosse uma vigília, mas sempre preferimos colocar a culpa nos outros e nos ausentar da verdade.

Catarina apareceu na sala e, meio envergonhada, confidencializou:

— Desculpe-me mas vim pegar água na cozinha e ouvi toda a conversa de vocês.

— Não tem problema Catarina, eu não ligo, afinal considero vocês como a minha família, agora.

— João, você já conversou com um espírito?

— Sempre conversamos, mas as vezes não ouço a resposta.

— Não João, falo com uma entidade incorporada em uma matéria, em um corpo.

— Não.

— Quer conhecer uma?

— Claro que sim, eu adoraria!

— Minha tia Olívia é médium e realiza trabalhos de terças e sextas. Se quiser poderemos ir lá amanhã!

— Com certeza, a que horas?

— Começa as dezenove e trinta.

— Ah, que pena! a essa hora ainda estou trabalhando.

— Não há problemas filho, pode ir com Catarina, eu fico sozinho no bar.

— Mas é perigoso.

— Ué, mas antes de você aparecer eu ficava só, porque agora não posso mais?

— Porque agora é meu pai.

Seu Zé ficou emocionado e deixou rolar uma lágrima. Disfarçando suas emoções, abaixou a cabeça e disse: — Pode ir sim, não tem problema.

— Puxa, obrigado; não vejo a hora, Catarina!

— Então até amanhã, João !

— Já vou dormir também, assim o tempo passa mais rápido. Boa noite.

— Durma bem filho, até amanhã.

João sentia uma felicidade enorme em seu peito. Talvez essa entidade pudesse ajudá-lo a se reencontrar. Era uma grande esperança.

A i Abad, veio antes do que eu previa. Amanhã ele irá em um centro e eu já vou me manifestar.

— Calma Zaber, não é assim, espere a entidade falar com ele. Só amanhã saberemos o que vamos fazer, mesmo porque, eu não acho viável você ver nada sobre o amanhã. Prefiro lhe fazer uma surpresa. Apenas relaxe e ore.

— Que surpresa?

— Surpresa é surpresa, não se revela antes do tempo, oras. Só lhe adianto que amanhã você irá me provar tudo o que já aprendeu. Que Deus te ilumine. Preciso ir, tenho outros afazeres.

— O que faço até lá?

— Ore e recapitule tudo o que já lhe aconteceu. Converse com você mesmo.

— Estou com medo.

— Isso é normal, mas volto a repetir, não procure saber sobre o amanhã terreno. Espere e aja com naturalidade. Lembre-se que só procuramos o futuro quando é por uma boa causa, este é um dos princípios básicos de uma entidade de luz.

— Tá bom, tá bom...

Andando de um lado para outro, Zaber recapitulou sua história e todo o aprendizado de até agora. Sentiu-se mais confiante e feliz.

Abad, sem que Zaber soubesse, entrou nos sonhos de João:

— João, João...

— Sim, estou aqui, quem é?

João viu a rosa azul, próximo a uma rocha, pois estava sonhando com um campo. — Oi

rosa azul, como vai?

— Feliz com você. Amanhã você vencerá mais uma etapa de sua nova vida.

— Por que?

— Amanhã verá, continue trilhando neste rumo e, a cada dia, acredite mais em Deus.

— Rosa Azul... Obrigado.

Voltou a sonhar com seu campo florido...

Abad transmitiu-lhe calma e perseverança. Ao se levantar, lembrou-se da fisionomia da senhora loura. sentiu novamente a sensação de paz, a sensação dos braços maternos. — De onde será que a conheço?

Pensou nela o dia inteiro, mantendo-se assim calmo e sereno, não revelando seus pensamentos ao seu Zé.

— Estou curioso para ir a casa de tia Olívia.

— Calma filho, o santo não vai fugir de lá!

— Não vejo a hora, quem sabe ele pode me ajudar a lembrar de algo.

— Tomara, né filho! Depois você me conta.

— O senhor já conversou com ele?

— Não, não, tenho medo

— Sabe como se chama?

— Também não, quem sabe dessas coisas é Catarina.

— Não vejo a hora...

... e a hora chegou. Catarina ia toda tagarela, falou sobre a vida de sua tia Olívia. Contou-lhe que é uma mulher batalhadora e com muita garra. Foi infeliz no casamento, pois casou-se por obrigação, imposta por seu pai, e o homem era muito mais velho do que ela e morreu logo

depois do nascimento do segundo filho, e desde então ficou sozinha, apenas cuidando das crianças. Começou a vida espiritual com vinte e dois anos e até hoje se entrega a eles. Sua entidade se chama Izet e esta a acompanha desde o início de seu desenvolvimento mediúnicos.

— Izet? Mas é uma mulher?

— Sim, é, por que?

— Pensei que fosse um homem, mas tudo bem, isso não me importa.

— Você vai ver, é muito gostoso conversar com minha tia e com Izet. Sempre me ensinam muitas coisas que o mundo espiritual transmite. Você vai ver, elas são ótimas.

— É... não vejo a hora.

E a ansiedade de João era a mesma de Zaber. Neste momento ele e Abad já caminhavam ao lado de João.

— Se você tivesse unhas, já as teria devorado, não é Zaber? Acalma-te, a afobação será pior. Entregue-se a paz e aí sim sentirá os efeitos deste momento e saberá controlar suas emoções.

— Acho que você está me escondendo algo!

— Apenas tenha calma e saiba esperar. Vamos ficar aqui.

— Por que não podemos entrar com eles ?

— Porque é um centro espírita e existe uma entidade mentora. Só podemos nos adentrar se o guardião nos permitir. Veja, ele nos chama.

Falaram em outra língua a qual Zaber ainda não dominava, pois ainda estava aprendendo.

— O que ele falou?

— Sejam bem vindos e aguardem no salão principal.

— É ... tô aguardando.

João conheceu Olívia, e entendeu a ternura de Catarina ao falar sobre ela. Realmente era dócil, inteligente e encantadora.

— Fiquem naquela sala que quando começar a sessão irão chamá-los. Estou feliz em vê-la aqui, minha princesinha, mande um grande abraço para meu irmão. Diga-lhe que tenho saudades.

— Mando sim tia, e vá em casa nos visitar, tá?

— Assim que possível, a vida está corrida.

— É eu sei, tchau.

— Tchau e obrigado por ter vindo João, espero que seu problema seja solucionado.

— Se Deus quiser Olívia.

Zaber e Abad estavam no salão de concentração das entidades. Lá conheceram Izet, a entidade que iria falar com João, e seu assistente Unaelp. Assim como Abad, Izet era muito bonita e comunicativa, gostava de brincar e estar sempre alegre.

— Vamos ver se hoje será o seu dia, Zaber!
— disse Izet

— Como assim?... como assim?...

— Você está com medo, meninão? É só na primeira vez, depois você nunca mais vai esquecer o encantável universo da incorporação. Você parece mudado e Oxalá consiga superar “aqueles” sentimentos, afinal você teve uma boa instrutora, portanto não tenha medo, não comemos espíritos, isso

engorda. — Izet deu uma piscada para Abad.

— Você já me conhece?

— De outros tempos, mas isso, agora, não vem ao caso. Relaxe e traga a ti a nobreza, a calma. Tire de ti o medo e a insegurança.

— Não sei se é medo, parece que vai acontecer algo diferente.

— Ulálá, lógico que vai, afinal você nunca incorporou, não é mesmo, Zaber?

— Quem são aqueles ali sentados?

— Já se esqueceu?

— Nossa, é mesmo, são os vagantes em busca de auxílio. Como pude me esquecer, se fui um deles.

— Por que não vai lá e comece a falar de Deus para eles? Vá até eles e fale sobre as proezas divinas!

— Não, não... não estou preparado. (Abad apenas olhou bem dentro de seus olhos, sendo o suficiente para ele responder) — Já sei, para falar de Deus não precisa preparo, somente o coração puro.

— Exatamente, meu aluno esperto! — Respondeu Abad

— Unaelp, deixe nosso amigo dar boas vindas a eles e depois faça a sua parte.

— Claro que sim, Izet. Vá amigo, quero ouvi-lo.

Zaber olhou-o como que pedindo ajuda e Unaelp apenas segurou sua mão. Com este ato, passou-lhe sua energia e Zaber criou coragem.

— Boa noite amigos. Sou novo aqui e vim fazer-lhes as boas vindas. Vim falar sobre Deus misericordioso. Sabe, tenho algo importante a

dizer: **Eu já me sentei aí, aonde vocês estão, eu já fui um de vocês!**

O espanto foi geral, muitos riram e outros realmente levaram a sério.

— Eu vaguei durante muito tempo, pois nunca tinha acreditado em um Pai. Hoje estou ao lado Dele, por Ele e falando Dele.

— Como fez isso? Perguntou um vagante, interessado em sua história.

— Eu entendi e aceitei os meus erros. Entendi e aceitei que não era dono da verdade, e muito menos, do mundo. Recapitulei toda minha etapa da vida material e abaixei minhas armas, derrotei meu orgulho e aniquilei meu ódio. Pedi perdão e Ele me deu a nova chance.

— Ah, é assim! gritou outro, então : **PERDÃO!**

— Não, não é assim amigo. Não é com a fala e sim com a alma, com a emoção, com a verdade, com a redimissão de seus pecados, sem a arrogância e desprezo, como você acabou de fazer, mas sim com amor e fé.

Todos abaixaram as cabeças e cada um transmitia um pensamento diferente, que Zaber acabou se embaralhando com tantas súplicas.

Percebendo a pertubação de Zaber, Unaelp entrou em cena.

— Foi lindo Zaber, parabéns. — Boa Noite a todos, meu nome...

Zaber voltou para o lado de Abad, que lhe beijou a face, — Parabéns Zaber, foi muito bom, bom mesmo.

— Se você ainda fosse humano, com certeza, teria que ir ao banheiro agora, brincou Izet. —

Preste atenção, vamos começar. Primeiro vou me aproximar de minha médium e a partir daí apenas me escute, pois enviarei todas as instruções necessárias a você. Boa sorte Zaber, espero que nos prove o quanto você aprendeu até agora. Prove-nos o seu amor.

— Obrigado Izet, ficarei atento. Abad, você vai ficar comigo?

— Claro que sim, só não te segurarei no colo, e também não poderei me manifestar em nada.

— Por que não?

— Porque respeitamos a hierarquia, esqueceu? Izet é quem comanda aqui!

— Não esqueci, apenas não tinha ligado os fatos. Desculpe-me.

— Preste atenção Zaber e não se esqueça, entregue-se a Deus e acalme-se, pois o afobamento só poderá lhe atrapalhar. Mostre a ti mesmo a tua fé!

— Obrigado Abad, ao seu lado me sinto mais confiante.

Dois médiuns entraram na sala de atendimento, postaram-se perante o altar, que era uma cômoda com uma toalha branca em cima, uma imagem muito bonita e simples de Jesus, duas velas brancas, algumas contas e incensos. Fizeram suas orações e cada uma foi para um lado do altar, ficando com os olhos fechados.

Zaber observava a tudo. Verificou que duas entidades, que até então estavam ao seu lado, foram para trás das médiuns, fazendo com que as envolvessem com uma luz resplandecente e

alva, uma possuía a tonalidade verde e a outra amarela. Lembrou-se da primeira vez que viu aquela cena, e mais uma vez estava maravilhado. O público também observava com muita atenção e respeito. Havia umas quinze pessoas na sala e João não conseguia tirar os olhos do altar e das médiuns. Observou todos os movimentos delas, sentindo, dentro de si, uma paz muito grande; praticamente nem piscava para não perder nenhum detalhe. O aroma do incenso adentrava-lhe as narinas, contribuindo para se sentir em paz e feliz.

Olívia entrou no recinto, direcionando-se para o altar, fez uma oração em voz alta, invocando os anjos de luz, as entidades de frente, a Cristo e a Deus. Pediu auxílio e agradeceu por mais uma noite de trabalho.

Zaber desesperou-se. Não podia acreditar no que estava vendo. Era a mulher mais linda que poderia ter conhecido, era pura, era alva, era dele.

— Senhor, Deus, Pai, ajuda-me a controlar as emoções.

Abad começou a orar fervorosamente por Zaber, tinha medo de sua reação.

— Senhor Deus, obrigado. Senhor Deus esta é a minha Amália. Jesus Cristo, ajuda-me. Abad socorra-me.

— Desmaiar você não vai, acalma-te por favor.

— Abad, é ela, é a minha doce Amália, como ela está linda e diferente, como ela está maravilhosa. Jesus, como eu ainda a amo.

Zaber ficou afobado sem saber o que fazer,

mas tentou se conter e controlar suas emoções.

— Ela pode me ver?

— Não Zaber, não pode e não deve.

— Por que não? Juro que não falarei nada, só queria olhar bem dentro de seus olhos e sentir se ela ainda me ama.

— Zaber, você terá que esperar por sua partida, mesmo porque, hoje, ela não se lembra de nada de um passado. Não seria justo com ela.

— Entendo... entendo... Ela está linda!

— Preste atenção, não esqueça do porque veio até aqui.

— Por que fez isso comigo? Sabia que eu não iria aguentar! Sabia que eu não iria conseguir me concentrar e cumprir o prometido!

— Sei que pode e vai. Acredito em você. Você é capaz. Lembra-se?

— Ela está linda...

Izet foi para trás de Olívia, emanou-lhe suas energias, envolveu-a com uma luz de tonalidade branca, olhou para trás e piscou para Zaber, incorporou em Olívia. Começou a sessão e Zaber se acalmou, pois com a incorporação, não conseguiu mais ver sua Amália, que agora se chamava Olívia.

João sentia-se flutuando e com muita vontade de ir conversar com Izet. Esta, lendo seus pensamentos, fitou-o e lhe disse : — Você está tão ansioso quanto o seu companheiro. Quer ir ao banheiro?

— Não obrigado, estou bem.

— Aguarde sua vez, pois a noite é nossa.

— Com todo o prazer.

Após um sinal de Izet, as outras duas

entidades incorporaram nas matérias, fizeram a trivial troca de energia e postaram-se em suas posições.

João começou a sentir tremedeira pelo corpo, sabia que era devido a energia do local. Izet olhou para Zaber e com um gesto pediu para se aproximar, e este foi a seu encontro. Apesar da boca da médium sair outras palavras, Izet, mentalmente pediu para Zaber ficar ao lado de João e enviar-lhe sua energia. Zaber foi e ficou conversando com João e este tremia cada vez mais. Suas mãos suavam frio, e transpirava por todos os poros. Sentou-se pois começou a se sentir tonto. Catarina segurou-lhe a mão. — O que aconteceu João, sua mão está fria, você está se sentindo mal?

— Não me sinto mal, mas acho que minha pressão deve ter caído. Talvez seja pela sala estar abafada.

— Quer ir lá fora tomar um pouco de ar?

— Não saio daqui nem amarrado. Estou adorando tudo isso.

Izet, que já havia atendido algumas pessoas, foi em direção a João, deu-lhe a mão e levou-o para perto do altar. Entregou-lhe uma vela e pediu para que ele a acendesse em homenagem a seu anjo.

— Claro que sim, afinal minha rosa azul merece!

— Não é para esta rosa azul que está pensando. É para outra. É para seu amigo.

— Que amigo, o seu Zé?

— Que Zé meu filho, não, não, é para sua entidade.

— Eu tenho uma entidade?

— É, tem, ofereça a ele sua amizade e carinho, que ele se fará presente.

— Como ele se chama?

— Saberá com o tempo. Acenda e concentre-se nele.

João sem pestanejar, acendeu a vela e ficou conversando com seu novo amigo. Não conseguiu ouvir nada, mas sentiu alguém ao seu lado.

Zaber, muito atento, mediu suas energias para não deixar o garoto mais tonto do que já estava. Enviou-lhe paz, orou por ele e pediu a Deus que abençoasse aquela nova união. João ficou ao lado da outra entidade que também atendia ao público e Izet pediu que ele permanecesse de olhos fechados, que tentasse sentir sua entidade, que ficasse conversando com ela. Ele estava maravilhado, tanto que deixou de se importar com as mãos suadas e o suor que corria-lhe pelo corpo.

— Eu tinha certeza, que ele era escolhido por Deus. Só podia ser!

Izet, ouvindo os pensamentos de Catarina, direcionou-se a ela — Você não sabe da missa um terço. Continuem acolhendo o rapaz, pois sua missão é árdua porém linda, ele realmente é um guerreiro. Oxalá todos tivessem essa perseverança e pureza.

— Então ele não é nenhum perigo para mim e meu pai?

— Você sentia isso?

— Não, nunca, muito pelo contrário, mas queria me certificar com você.

— Você e sua mania de não acreditar em suas intuições, menina! Achava melhor pensar mais sobre isso. Esta noite sonharás com tua mãe. Agora ela está em outro plano e poderá matar um pouco da saudade.

— Minha mamãe, que saudades tenho dela. Ela está bem?

— Melhor do que você imagina.

— Graças à Deus. Só sonhei com ela uma vez, quando veio me avisar que havia partido daqui, depois disso nunca mais. E já se fazem seis anos. Por que ela nunca mais veio?

— Ela não podia fazer isso, agora que já aprendeu algumas lições e passou para um plano superior ao que estava, ela teve o direito de um pedido e escolheu falar com você em sonho. Aproveite bem a noite.

— Não vejo a hora.

— Já ouvi esta frase hoje. Izet saiu rindo.

João continuava com os olhos fechados, tentando decifrar o que sentia. Zaber colocou a mão em seu ombro e João conseguiu senti-lo.

— Puxa, ele me sentiu, que bom, logo conseguiremos trabalhar.

— Você quer incorporar, Zaber?

— Eu ?

— Eu é quem não sou.

— Não, eu não conseguiria e... (lembrou-se de Abad) — Já posso?

— Vamos, eu te auxílio — e voltando-se para João — Venha garoto, vamos deixar seu amigo dar passagem.

— Como? Não entendi?

— Relaxe e deixe seu amigo ocupar seu

corpo.

João fechou os olhos e entregou-se a Zaber. Este deu passos para trás, olhou para Izet — Acho que não consigo.

— Claro que consegue, venha, a aura dele já está aberta para você.

— Não posso, não sei o que vou falar ou fazer e...

— Venha, fique aqui atrás dele, isso menino bonito, assim mamãe gosta, isso — e de sopetão Izet o empurrou para dentro de João.

— Nada que um empurrãozinho não resolva.

Foi a mais suave das sensações, tanto para Zaber como para João. Sentiu o corpo humano, novamente havia um coração pulsando, sentia o ar da terra. Emocionado caminhou para bem perto do altar, cumprimentou-o, ajoelhou-se e agradeceu a Deus por essa oportunidade. Sentiu suas energias vibrando, saltitando; não sabia o que era mais bonito, ver uma incorporação ou senti-la. Cumprimentou as outras duas entidades, recebendo delas suas energias e transmitindo a elas a sua luz de tonalidade azul. Fez o mesmo com Izet e esta apenas passou a mão em seu rosto. Voltou-se para o altar — Obrigado Pai, por essa oportunidade, obrigado por seu amor. Concentrou-se em João emanando-lhe sua energia; este, meio assustado, não entendia direito o que estava acontecendo, somente percebia que andava e gesticulava, mas não deixava de ser uma gostosa sensação.

Zaber fez reconhecimento de seu corpo, analisou suas auras e controlou sua energia de

acordo com a matéria de João. Sabia que se extrapolasse na dosagem poderia machucá-lo.

João, fascinado com tudo, fechou os olhos, não conseguia nem pensar, apenas tentou ser receptivo à aquela doce sensação. Num espanto abriu os olhos, pois acabara de ouvir de sua própria boca, com sua própria fala, as palavras de Zaber — “Obrigado pela passagem, até a próxima”.

Zaber retirou-se do corpo de João, saiu emocionado derrubando lágrimas de amor. Voltou para o lado de Abad.

— Como você está Zaber?

— Feliz, muito feliz, foi a sensação mais fascinante que eu senti durante esse tempo todo. É como se eu reencarnasse por instantes, consegui ver os objetos e tocá-los, consegui sentir o calor de João. Entendi o que fazemos com as matérias. Abad, acho melhor eu me calar, pois não consigo encontrar as palavras certas. Foi muita emoção para uma só noite. Obrigado por me ajudar.

— Venha vamos nos sentar aqui e esperar o término da sessão. Ainda conversaremos com Izet.

— João, João, você está bem?

— Sim, estou bem, Catarina. — Percebeu que ela estava ao seu lado e Izet do outro.

— Como se sente, menino bonito?

— Bem..., confuso, mas muito bem. Parece que ainda estou levitando.

— Venha conversar comigo amanhã, terei

algo a lhe explicar.

— Será um prazer, e no momento preciso realmente de explicações.

— Serão sanadas suas dúvidas, na medida do possível.

— Obrigado.

— Agora vão, que Deus os acompanhe.

— Posso vir junto amanhã? Perguntou Catarina.

— Claro, as explicações servirão para você também, pois logo será você quem estará desenvolvendo.

— Obrigada e até amanhã Izet!

— Não se desespere, confie.

— Do que está falando, Izet?

— Apenas lembre-se disso, tchau menina.

Catarina e João foram para casa quase sem falar nada, somente o essencial. João com seus pensamentos e sensações, Catarina na curiosidade de saber como João se sentiu, mas não tinha coragem de perguntar.

Ao chegarem em casa João se despediu e Catarina não agüentando de curiosidade perguntou — Gostou de ter ido lá?

— Foi a melhor oportunidade que Deus pôde me conceder.

Catarina sentiu um frio na espinha, fechou os olhos e a imagem de seu pai veio a mente.

— Meu pai! Aconteceu alguma coisa com meu pai.

Entrou correndo e João a acompanhou.

— Pai, pai!

— Estou aqui.

E caído ao chão, seu Zé estava muito

vermelho e com falta de ar.

— O que aconteceu, pai?

— Fiquei nervoso, acho que meu coração está parando.

— Não pai, por favor, não.

— Vamos para o hospital, venha seu Zé.

— Não consigo levantar.

— Vou chamar a ambulância.

E lá foram para o hospital, onde seu Zé ficou internado com problemas cardíacos.

— Aconteceu alguma coisa, papai não iria ficar nervoso a toa.

— O que será que foi?

— Não faço idéia, mas ele não pode ficar nervoso, todas as vezes que fica assim, ele se sente mal.

— Só iremos saber quando ele puder falar, enquanto isso, vamos orar para que tudo dê certo. Vamos, amanhã voltaremos para vê-lo.

— Não, vou ficar aqui!

— Catarina, venha descansar, vamos para casa, não podemos ficar com ele, entregue a Deus e tudo dará certo.

— Vou conversar com minha tia, vamos voltar lá e... (lembrou-se do que Izet havia lhe dito “sua mãe virá falar com você”!)

— João, vamos para casa, vamos orar.

João deitou-se na sala, caso Catarina precisasse de alguma coisa. Mais do que depressa, Catarina deitou-se e tentou dormir, porém o sono não vinha. Ficou nervosa, pois se não dormisse não conseguiria conversar com sua mãe. Tentou relaxar pelo menos, e conseguiu. Mesmo sabendo que não dormia,

sentiu-se em um estado de leveza, parecia levitar, permaneceu com os olhos fechados e muitas imagens vieram-lhe a mente, dentre elas, sua mãe.

— “Minha filha, que saudades”.

— Mãe, você está linda. Mãe, o pai tá doente, não leve-o de mim, por favor, já perdi você e o Carlos, não me deixem só nesta terra, por favor.

— Ele ficará bom, ele é forte e não irá lhe abandonar tão cedo.

— Mãe, como você está?

— Feliz, encontrei a paz, encontrei a vida, liberei-me de vez do câncer que me corroeu em terra, agora minha alma está curada e, finalmente, encontrei Deus. Vim para lhe dizer que aonde quer que eu esteja, meu amor estará com você. Estou indo para outro plano onde sei que não mais me comunicarei com você, até que eu saia dele. Vim para dizer que a amo muito e quero que seja muito feliz. Entregue todas as amarguras que virão à Deus, acredite que ele não abandona seu filho, siga com fé sua missão e seja feliz.

— Nós abrigamos um moço, que até que é bonzinho e...

— Ele é muito bom e honesto, confie nele e o ajude a cumprir sua missão. Tenho que ir. Fique com Deus. Diga a seu pai que o amo e o estou esperando.

— Um beijo mãe, eu te amo e tenho saudades.

E sentindo um afago carinhoso em sua cabeça, Catarina adormeceu.

João estava sentado no sofá, pensando em todos os acontecimentos da noite. — Como vou poder ir falar com Izet se seu Zé está internado? Não posso abandoná-lo, mas precisava tanto falar com ela. Deus guie meus passos.

Sentindo uma brisa em seu corpo como que lhe agasalhando, acabou adormecendo sentado. Esta era a sensação que Zaber adorava sentir e resolveu transmiti-la à João. Zaber continuava maravilhado com as sensações da incorporação e ainda não conseguia descreve-la, apenas senti-la. Após acompanhá-los no ocorrido, Zaber, em comum acordo com Izet e Abad, foi para um retiro, onde deveria colocar suas emoções em ordem, pois, por um lado estava sob efeitos do fascinante mundo da incorporação, por outro estava afobado por rever Amália e querer conversar com ela. Isso causava bagunças em sua mente. Achou melhor se recompor e voltar mais sensato.

Raiou o dia e João abriu o bar. Sentia-se inseguro, mas ao mesmo tempo, confiante. Chegou o primeiro freguês e foi atendê-lo.

— Bom dia João, como vai? Aonde está seu Zé? Ele está mais calmo?

— Oi seu Antônio, o seu Zé foi internado com problemas cardíacos. O Senhor sabe o que aconteceu com ele para ficar nervoso?

— Foi o infeliz do Gualberto, um marginal riquinho que mora aqui no bairro. Ele sempre irrita o seu Zé. A bem dizer a verdade, ele irrita a todos nós. Acha que o dinheiro pode comprar a todos e a tudo. Eles acabaram discutindo e seu Zé se alterou.

— Quem é? Eu conheço?

— Acho que não, pois com certeza você já saberia de quem estou falando. Seu Zé não contou nada?

— Não conseguia nem falar, estava muito mal.

— Que Deus o ajude e abençoe e que se houver justiça, que esse maldito moleque pague seu preço.

— A justiça deve ser a divina e cabe a nós sabermos esperar por ela.

— Acho que ela demora, pois com certeza, este moleque está dormindo bem, enquanto nós estamos aqui, preocupados com seu Zé. Sabe João acho melhor você não contar à Catarina sobre o que aconteceu, tenho medo dela ir tirar satisfações.

— Por que?

— Ela não o suporta, como já disse, ninguém

gosta dele, é realmente intragável, e ela acha que Gualberto fez alguma coisa ruim para seu irmão. Nada tira isso de sua cabeça.

— Nossa, mas por que? O irmão dela não morreu num acidente manipulando uma arma?

— Sim, mas ninguém sabe como, só mesmo Carlos poderia nos dizer o que realmente aconteceu. Ele estava aqui, neste bar, sozinho e não se sabe ao certo o que houve. Seu Zé estava dormindo, pois tinha o costume de tirar uma soneca de tarde e Catarina estava costurando, quando ouviram o tiro. Por azar não havia ninguém no bar, somente Carlos, estirado no chão. Pobre Carlos, que Deus o tenha.

— Como descobriram que foi um acidente?

— Não se chegou a conclusão nenhuma, somente suposições, pois não havia nada que comprovasse o contrário. Foi feita a perícia e nenhuma impressão digital foi encontrada na arma, que não a de Carlos, e a bala que o atingiu era desta arma. Deduziu-se que a arma escorregou de sua mão, caiu no chão e disparou, acidentalmente, acertando o coitado.

— Puxa que história triste. Gostaria de conhecer esse Gualberto. Quem sabe uns bons safanões o acalme.

— Ah, Ah! Tá brincando. Ele é terrível, um garotão mimado.

— Por que será que Catarina o condena?

— Talvez porque ele sempre brigava com seu irmão, as vezes saíam no tapa, pois o cafajeste se embriagava por aí e vinha arrumar confusão aqui, e ontem foi igual. Já fazia um bom tempo,

acho que desde a morte de Carlos que isso não ocorria. O cara é louco, não se envolva com ele. Tchau, preciso ir trabalhar, se precisar de algo é só me chamar, ficarei o dia todo na sapataria.

— Obrigado seu Antônio, qualquer notícia do seu Zé irei lhe informar.

E assim passou-se o dia. João fechou o bar mais cedo para ir ao hospital com Catarina, de lá iriam para a casa de tia Olívia. Seu Zé estava entubado e precisava fazer, urgente, uma cirurgia, pois seu coração estava parando. Iriam colocar ponte para melhorar os batimentos e o médico explicava minuciosamente os detalhes para Catarina e João. Esta, com o coraçãozinho apertado, olhava atenciosa para o Dr. Sentia que poderia perder seu pai a qualquer momento, e daí para frente começou a sentir muito medo. A cirurgia foi marcada para o dia seguinte às sete horas.

— Tenho certeza de que ele ficará bom, tenho certeza que irá sair dessa.

— Tenho medo João, só tenho meu pai e minha tia. O que será de mim sem ele. Deus não pode ser tão ingrato assim comigo; já me tirou a mãe e o irmão, agora quer levar meu pai.

— Puxa vida Catarina, aonde está a sua fé ? Que termos são esses: tirou minha mãe e irmão de mim! Fala como se eles fossem sua propriedade. E você já matou seu pai; pelo o que eu saiba, ele ainda está vivo. Ele ainda não morreu para você ficar nesse desespero. Isso é sofrer a toa, sofrer por antecipação, pois não sabemos o que irá acontecer; e se for a hora dele? E se ele já fez o seu papel aqui? É você

que irá interromper sua ascensão? É você que vai impedir sua nova vida? Acho melhor pensar bem no que fala. Acho melhor você saber pedir ajuda aos anjos, mas com simplicidade e não com acusações. Você agindo assim está julgando o desconhecido. Pense bem querida, não peque por desespero. Agora é a hora de demonstrar sua fé por seus amigos espirituais e por Deus.

— Para você é fácil falar, se coloque na minha situação e veja se não é para se entrar em desespero.

— Não, não é não, pois ainda há chances, e é você quem está matando esta chance. Nós somos assim mesmo, extremamente egoístas, e não queremos que quem amamos parta daqui, mas não paramos para pensar que se este se foi é porque cumpriu seu dever, sua missão e está partindo para uma vida nova, uma vida melhor, porém o nosso egoísmo, não nos permite a separação. Sabe, acho que Deus é muito bom e não acredito que porque alguém parta daqui o que fica irá se destruir, ou sua vida desmoronar. A saudade e o amor, com certeza, continuarão por tempos, mas o que não podemos fazer é deixar de viver, é parar no tempo, é blasfemar sobre aquilo que não conhecemos.

— Tudo bem João, você já deu seu sermão, agora fique quieto, quero ficar sozinha com meus pensamentos. Olha o ônibus, vamos.

— Tudo bem, só queria mesmo era te chacoalhar, para você ver a besteira que falou. Venha, coloque sua cabeça em meu ombro, feche os olhos, e quando chegarmos perto da

casa da tia Olívia, eu lhe acordo.

— Não estou com sono, quero apenas pensar.

— Pois pense, coloque a cabeça aqui, isso... assim..., agora irmãzinha, lembre-se de um pequeno detalhe, estou com você.

Beijou-lhe a cabeça e segurou-lhe a mão. Chegando na casa de Olívia, esta logo notou que havia algo de errado com sua pimpolha, pois não estava sorrindo.

Catarina, aos prantos, contou todo o ocorrido e pediu para sua tia deixar Izet aparecer para poder conversar com ela.

— Já, já, ainda não chegaram os convidados.

— Quem mais virá?

— Não são pessoas, querida, são outras entidades que foram convidadas para esta noite.

— Como a senhora sabe disso?

— Izet me contou.

— Consegue se comunicar com ela.

— As vezes sim, principalmente quando estou em casa. As vezes, passo horas falando com ela e não tenho nenhuma resposta, porém as vezes consigo sentir sua presença tão próxima que, mentalmente, entendo o que ela quer e o que ela fala. É muito bom saber que não se está sozinho. Que temos amigos, mesmo não podendo tocá-los ou vê-los, mas a certeza de sua presença é uma sensação maravilhosa. Pronto, chegaram, vou me concentrar, sentem-se ali e aguardem por Izet.

Olívia acendeu duas velas brancas, incensos perfumados, colocou um copo com água no altar e voltou sua atenção para receber Izet. Esta cumprimentou o altar e bebeu a água.

Virou-se para os dois e sorriu.

— Olá, crianças, que carinho triste desta meninota!

— Estou com problemas.

— Não está, não. Os médicos serão guiados, pelos nossos, e a cirurgia será de grande êxito e benefício para seu pai. O véio não vai agora, ele ainda nem comprou sua passagem, e nós não financiamos, tem que ser no cash! Você não deveria estar assim, esqueceu do que eu e sua mãe lhe falamos? Assim titia Izet fica triste com você. Já aprendeu tanta coisa e na hora de colocar em prática e nos provar sua fé, você nos vira as costas. Que feio!

— Perdoe-me, eu me desesperei, não tive a intenção, mas quando percebi já havia falado. João me corrigiu e na hora não aceitei o que queria me dizer, mas vocês tem razão. Nem havia me lembrado do que vocês me disseram. Acho que decepcionei mamãe.

— É, um pouquinho, mas daqui para frente, fique atenta nas palavras e atos. Você é nova e aprende logo. E você garotão bonito, como se sentiu ontem?

— Não sei direito explicar, mas a sensação foi muito gostosa.

— Dúvidas?

— Ah Izet... todas!

— Comece a perguntar.

— O que aconteceu direito? Você disse para eu relaxar e dar passagem para meu amigo. O que significou isso?

— Você é médium e todo médium possui uma entidade, pois assim como você veio para

cumprir uma missão, ele veio, utilizando-se de seu dom, para cumprir outra. Na realidade com o passar dos tempos vocês acabam cumprindo juntos suas missões, pois ele necessita de você e você acaba necessitando dele.

— O que é ser médium?

— É o doce dom dado por Deus para uma pessoa, onde esta, com o decorrer de sua vida material irá perceber a presença de um alguém consigo. Assim como você veio até a mim para resolver um outro problema, outras pessoas também o fazem e acabam descobrindo sua mediunidade. Aí, a boboca aqui, pega e transmite segurança para a pessoa e para a entidade, que as vezes, por também ser sua primeira vez, acaba ficando mais nervosa que o médium e tenta fugir, assim como alguém que vai ao dentista pela primeira vez. (Com isso olhou cinicamente para Zaber, que estava ao lado de João e este percebeu Abad dando gargalhadas — Não ria de mim! — Desculpe-me mas foi engraçado, você realmente parecia ter uns cinco dentes para tirar...)

Mas sempre há um final feliz. A mediunidade é um dom que deve ser encarado com respeito, pois nunca significa poder ou riqueza. Nunca nós, entidades de luz, cobramos algo material de alguém, apenas orientamos, amamos e honramos a Deus. É um dom nobre, portanto deverá permanecer na nobreza até o fim.

— Quem ele é?

— Uma entidade, que para chegar aonde chegou, aprendeu muito e conseguiu passar por várias etapas, mas sempre com dignidade. Não

é necessário saber quem ele é mas sim no que você poderá ajudá-lo, pois terão que trabalhar em conjunto.

— Como posso conversar com ele?

— Sinta-o com o coração. Imagine um alguém, que não precisa ser tão feio como ele é, (Zaber levantou-se assustado, não acreditava na ousadia de Izet) e passe a conversar com ele e deixe que ele lhe transmita sua energia e instruções. A chave de toda união é acreditar em sua existência. Sei que vocês gostam de ver para crer, mas o que realmente é puro e belo nunca é visto pelo homem e sim sentido com o coração, com a alma, assim como Deus.

— Catarina me disse que Olívia é inconsciente. Na hora em que minha entidade entrou, acho que é esse o termo, eu vi e ouvi tudo. Não fiquei inconsciente, mas sim maravilhado. O que precisa ser feito para se chegar neste estágio?

— Vocês ainda estão fazendo um reconhecimento, é como o namoro, o primeiro beijo, o abraço, o conhecer a pessoa amada e depois um compromisso mais sério, ou seja, o noivado, onde há mais dedicação, onde cada passo, dali para frente, será de uma união maior, onde já não conseguem mais viver separados e aí vem o casamento, a união final.

Na incorporação o namoro seria consciente que nada mais é que vocês dois se conhecerem, se afinarem, se entenderem, saber do que você e ele gostam ou não gostam. Depois vem a dedicação de ambos para com cada um, o respeito aumenta e o amor começa a emanar

suas vibrações. Então o elo de ligação fica firme e vem o noivado, que no caso é a semi-consciência. Neste estágio você confia mais em sua entidade. Você acredita que ela realmente é capaz e acaba deixando-a mais a vontade. Com o elo forte, vocês acabam se respeitando cada vez mais, se amando intensamente e aí se casam, formando o “um”, o “único”, e no momento divino da incorporação, há o casamento, o elo forte que sustenta a fé e o amor de ambos, chamando-se assim inconsciência.

— Para onde vai minha alma quando conseguir alcançar o estágio da inconsciência?

— Fica ao lado da entidade, é como se você entrasse em um sono profundo. Ali você recebe as energias necessárias para que a inconsciência não abale sua estrutura emocional, seu comportamento ou até mesmo seu dia-a-dia. Com o passar do tempo sua alma pode ser desprendida para outro plano, aonde você pode aprender novas coisas sobre o universo, com outras entidades, que não são de incorporação. Mas para se chegar a este ponto é necessário muita dedicação e credibilidade. Muita compatibilidade com o mundo espiritual e, na realidade, poucos conseguem, mas nada é impossível.

— Qual o motivo que leva uma pessoa a não conseguir se conectar direito com sua entidade?

— A falta de fé na entidade, nos ensinamentos dela, a falta de amor próprio. As vezes, alguns seres humanos, acham que podem tudo com elas, acham que são mais do que elas,

e sentem-se no direito de ultrapassar os limites lógicos da vida.

— E o que deve fazer?

— Ah, meu caro, existem tantas formas que somente o coração pode ordenar isso. Cada um se acha dono de si próprio, mas adora cuidar da vida alheia. O primeiro passo seria se respeitar, colocando-se no lugar de seu próximo e acreditar que há um ser superior, orando e pedindo por ti. Que há alguém que não se vê com os olhos, mas é só permitir, que conseguirá senti-lo com o coração. Porém essas confusões que geralmente quem possui o dom mediúnico faz, são sempre muito bem analisadas. Se verificarmos que realmente está se agindo com má fé, de propósito, então este dom é cortado.

— Como?

— Deus dá, Deus tira, porque sempre que alguém age com maldade ou más intenções com o seu semelhante, usufruindo-se desse dom, não pode continuar, pois este dom é amor e uma pessoa que age assim não sabe o que é amar. Dado foi a oportunidade de se corrigir este grave erro, não soube aproveitar, então, se não vai pelo amor, aprende-se pela dor. Mais perguntas?

— Acho que tenho muitas, porém vou deixar para depois, quero sentir meu novo amigo e com o tempo, com certeza, será ele que esclarecerá minhas dúvidas.

— Assim é que se fala, gostei de ouvir isso e ele também. (mentalmente disse para Zaber — Viu que bom coração ele tem, saiba aproveitar e coloque seus receios de lado)

— Ele está aqui?

— Ao seu lado.

— Ia até me esquecendo, o que passa até ser ironia, mas eu não consigo me lembrar do passado, não sei quem sou, não sei nem se me chamo João, parece que minha vida começou em um tombo na praça. O que aconteceu? Por que esqueci tudo?

— Você não esqueceu de nada, apenas detalhes lhe foram tirados para que sua missão seja cumprida. Sobre isso apenas posso lhe garantir que você não é louco e que também não é anormal. Sobre isso apenas posso lhe dizer “Boa Sorte”. Conte com seu novo amigo, ele o ajudará a superar estas barreiras.

— Obrigado Izet, suas instruções foram de grande valia.

— E você, não quer falar nada?

— Estou muito envergonhada de minhas atitudes hoje, não consigo encarar você.

— Deixe de bobagem menina. Não sinta vergonha e sim um desejo enorme de não mais errar. Vergonha é sinônimo de fracasso e não é isso o que você é, portanto erga sua cabeça e não tropece mais na mesma pedra.

— Obrigado Izet, peça desculpas a minha mãe. Não farei mais isso. Eu prometo.

— Não prometa o que não irá cumprir. Tombos vão sempre acontecer, mas o que realmente importa é que se aprenda a lição. A vida é uma lição a cada segundo, portanto seja uma boa aluna.

Que Deus pai os abençoe e até a próxima.

— Amém.

Ao se deitar Catarina pediu novamente seu perdão à Deus.

— “Puxa vida, como nós somos ingratos! Como podemos trair dessa forma. Eu que sempre falo tão bem de Deus, do espiritismo, que digo que respeito outras religiões, que aceito a forma de ser das pessoas... tenho que parar de chorar senão não consigo falar... eu que falo para os outros sobre o que aprendi com as entidades, defendo quando recriminam, brigo quando falam absurdos...eu...eu apenas falo com a boca, mas não ajo com o coração, minhas atitudes provaram que sou fraca, traiçoeira, que na hora que necessito provar minha fé, minha fala, faço totalmente ao contrário. Quando me senti coagida, deprimida, impotente, culpei Deus e culpando Deus, culpei o resto. Como fui tola, como não pude ver o que estava fazendo. Porque coloquei minha razão acima de tudo e todos? Quem penso que sou? Como fui pobre de espírito! Perdão, estou envergonhada, perdão. Deus, coloque em meu caminho outra provação para eu consertar o erro de agora, por favor.

Obrigada, Boa Noite”

A lua estava alva e João a olhava fixamente. Seus pensamentos vagavam, não tinha ao certo uma linha de raciocínio. Zaber estava ao seu lado e também observava a lua.

— Sabe amigo, ficarei com você por uns dias. Tenho que saber quais são os seus costumes. Tenho que entender a vida de vocês hoje. Parti daqui a muito tempo e muita coisa mudou. Hoje, este mundo parece triste, não sinto mais

o brilho das pessoas, antes parecia haver mais amor, não vejo mais os sorrisos sinceros, tenho que entender o que aconteceu. Estarei ao seu lado, conhecendo a ti e os que te rodeiam, afinal terei pouco tempo contigo. Tenho que saber como agir daqui para frente, com todos esses olhos tristes...

— *Ah amigo, se você puder me ouvir, gostaria de lhe dizer que não sei o que faço aqui, mas sei que tenho que fazer algo. Estou muito feliz em saber que não estou só. Na realidade eu já sabia disso. Desde o primeiro momento em que aqui pisei, um alguém me acompanhou. Se eu me concentrar bem, posso sentir o aroma daquela rosa azul.*

Rosa azul... com certeza só existem nos jardins do éden. E vocês, espíritos de luz, podem ser considerados assim. Estou radiante por poder ser um instrumento seu. Vamos aprender juntos.

— Ah amigo, se eu pudesse te livrar do peso de sua alma, para que não passe outra vez pelo que já passou, assim eu faria, porém você tem que provar que pode e vai conseguir. Assim como eu, também, terei que controlar minhas emoções quando estiver perto de Amália. Deus como ainda a amo. Como gostaria de fazê-la feliz. Estarei esperando por esse momento com muita ansiedade, porém preciso me controlar. Já soube que aqui ela foi infeliz em seu casamento, e hoje é viúva, mas pode ainda namorar alguém. Espero conseguir ver isso sem interferir em nada. É amigo, assim como você necessita de ajuda, eu também necessito, e

como você disse, iremos aprender juntos, e com certeza seremos felizes.

— *O perfume da rosa azul está mais intenso agora, será um sinal seu? Será você querendo me mostrar que está aqui? Espero que sim. Já não me importo mais em saber quem fui, agora quero apenas ser o que sou hoje e poder falar às pessoas sobre a maravilhosa sensação de ser um instrumento de Deus. Bom amigo, acho melhor eu ir descansar, pois amanhã o dia será corrido. Boa noite e se quiser falar comigo, pode vir em meus sonhos.*

— Não posso, tenho agora que apenas observar as atitudes para saber agir com vocês. Boa noite meu menino, fique com Deus e eu estarei bem aqui ao seu lado, orando por nossas novas conquistas. Abad, pode me ouvir, Abad... ela deve estar longe, só queria lhe dizer obrigado por tudo o que fez e faz por mim, e como eles dizem aqui, Boa Noite.

O dia amanheceu e João acordou mais cedo do que os outros dias e bem mais disposto. Chamou Catarina, pois teriam de ir para o hospital — Acorde Catarina, temos que estar no hospital às seis horas.

— Tá bom, eu já vou levantar.

— Bom dia amigo, não sei o que você fez comigo, mas estou me sentindo ótimo. Hoje não ficaremos aqui, vamos para o hospital, pois seu Zé será operado do coração. Será que você poderia dar uma forcinha para ele? Pelo menos para que ele não tenha medo? Espero que esteja me ouvindo.

Após se arrumar foi para o portão e ficou esperando por Catarina.

— Bom dia seu Antônio!

— Oi João, a que horas é a cirurgia?

— Às sete horas

— Você vai lá?

— Vou com Catarina.

— Se você o ver antes da cirurgia, mande-lhe um abraço. Estarei torcendo por ele.

— Obrigado seu Antônio, mas fique tranqüilo, pois tudo dará certo.

— É João, quando chegamos a uma certa idade, tudo passa a ser preocupante . A velhice é muito ingrata.

— Por que pensa assim? Como pode dizer isso? A velhice é sinal de sabedoria. É sinal que Deus está presente, porque se ele não estivesse, não se chegaria a uma idade avançada. Acho a velhice um troféu da vitória de uma vida.

— Nós velhos, somos vistos como chatos e

impertinentes, pelos jovens. É assim que nos tratam.

— Isso é algo que não deve preocupar a cabeça de um velho. Não deve se importar com o que a juventude pensa. Sabe, na realidade esta mesma juventude se esquece que os anos passam e, quando se der conta, eles é que serão velhos.

— Ah, com certeza, aí vão sentir na pele o que é ser velho.

— Não seu Antônio, não vão sentir na pele o que é ser velho, mas vão sentir em seus corações o que é ser discriminado. Sabe por que? Porque tudo o que fazemos durante toda a vida é refletida na velhice. Esta é o reflexo de toda a vida.

— Como assim?

— Não existe a velhice na mente, seu Antônio. Ela é representada por cabelos brancos, mas se sua mente for sadia, se se tem bons pensamentos, se gosta de viver, então não há velhice, há sim a experiência. Tudo o que se faz durante sua vida toda é refletida na velhice. É nela que se descobre a sabedoria dos tempos ou os erros cometidos. A velhice é o reflexo de todas as ações tomadas na juventude, se quando jovem foi sadio em pensamentos e atitudes, quando velho na aparência, com certeza, a juventude ainda toma conta de seus sentimentos. Muitas coisas mudam até se chegar a velhice. Pode-se até amolecer um coração duro. Pode-se até calar quem sempre havia falado em vão. Pode-se até amar como nunca se conseguiu. Assim como na juventude,

na velhice cada dia é um aprendizado. O que realmente importa é o seu estado de espírito, é a paz interior, e essa com certeza nunca envelhece, apenas cria-se mais experiências, mais aprendizados, e estes ninguém pode tirar de um velho.

— É João, pena que a maioria não pensa assim.

— Conversaremos mais depois, Catarina já vem vindo e precisamos ir.

— Vão com Deus!

No hospital, João e Catarina, puderam ver o seu Zé antes da cirurgia. Ele estava dopado, porém os reconheceu. Não podia falar, pois ainda estava entubado, mas seu olhar falava tudo.

Catarina beijou-lhe a testa, afagou-lhe o rosto e pediu para que tivesse força e confiança em Deus, pois tudo iria correr bem.

João segurava-lhe a mão e com um gesto sutil, beijou-lhe a face — Estamos aqui e nós três voltaremos para casa, juntos, unidos, como sempre.

Chegou a hora, despediram-se e seu Zé deixou rolar as lágrimas; estava com medo. Começou a orar e pedir para Deus auxiliar sua filha — Tenho medo de deixá-la sozinha neste mundo. Ela é tão jovem, tão inocente, eu não sei o que seria dela. Por favor dê-me outra chance para eu ficar com ela. Não quero partir agora, pois sei que ainda tenho muito a aprender. Carlos, Rosália, fiquem comigo e me auxiliem, estou com medo.

Sentiu uma forte picada nas costas e aos

poucos foi adormecendo.

Rosália, sua esposa, foi ao seu encontro; apenas beijou-lhe o rosto e pediu para ter fé e não se entregar. Zaber ficou ao seu lado todo o tempo da cirurgia, junto com um médico espiritual que acompanhava e enviava energias para o médico da terra. Vez em quando Izet aparecia para ver o andamento das coisas. Abad não estava presente, mas de onde estava, enviava mensagens carinhosas para Zaber, onde este se sentia mais confiante em suas atitudes.

João e Catarina ficaram na sala de espera.

— Se você quiser conversar estou aqui para ouvi-la.

— Não, prefiro ficar orando e pedindo a todos os nossos amigos para enviar calma à papai. Ele sempre teve medo de hospitais. Sempre teve paúra de ficar em um. Sei que vai dar tudo certo, minha mãe e Izet já nos avisaram disso, então não tenho porque me preocupar. Mas não posso deixar de admitir que a pior coisa é esperar. Parece que as horas não passam

— É parece mesmo — fechando os olhos voltou a conversar com Zaber, acabando assim a pegar no sono. A senhora loura veio até ele e agradeceu por não abandoná-los. — Estou esperando seu retorno, sei que voltará em breve, e vitorioso.

João acordou assustado.

— O que foi, viu um fantasma?

— É pode ser, mas era um doce fantasma

— Quem era?

— Não a conheço, mas já é a segunda vez que

a vejo em meus pensamentos. É uma senhora muito bonita e carismática, mas não sei quem é.

— Deve ser mais um anjo lhe protegendo.

— Pode ser, mas ela é diferente. Pensou consigo: “ela parece que faz parte de minha vida.”

— Você vai querer frequentar a casa da tia Olívia? Quero dizer, você vai seguir com o espiritismo?

— Vou sim, estou maravilhado com as sensações que senti. É como se eu estivesse me reencontrando. Como se eu estivesse voltando a viver minha vida e em paz.

— Adoraria também poder sentir isso, mas tia Olívia me disse que sou muito nova ainda. Tenho que terminar o colegial, tenho que amadurecer e depois eu decido se vou me entregar a essa religião. Na realidade já me decidi, mas tenho que esperar o momento certo.

O médico apareceu após quatro horas de espera. Chegou dando boas notícias — A cirurgia foi um sucesso e seu Zé está bem. Logo poderão vê-lo, mas ainda ficará no centro intensivo, pelo menos até amanhã. Temos que observar por vinte e quatro horas, como seu organismo irá reagir. Quem sabe, se ele tiver uma boa reação, amanhã mesmo já não irá para o quarto!

— Graças a Deus, sabia que papai iria ser forte.

Foram para casa mais aliviados e ansiosos pelo amanhã. João abriu o bar e Catarina foi descansar, pois tinha dormido pouco.

Alguns fregueses apareceram para saber notícias e seu Antônio fechou a sapataria e foi ficar no bar, com João.

— Fiquei pensando no que me disse de manhã, acho que tem razão. Nós mesmos nos menosprezamos, só porque a idade chegou e aí, nós mesmos, envelhecemos nossa mente e nossa alma. Mas mudando de assunto, cá entre nós, fiquei sabendo que Gualberto e seu bando fizeram arruaças, esta noite, na padaria da esquina lá de cima. Acabaram brigando e uma criança, que havia ido lá comprar leite, foi ferida com um tiro. Gualberto sempre anda armado para mostrar sua macheza, realmente é um louco, demente.

— Jesus, uma criança se feriu! Como ela está?

— Ainda não tenho notícias, só sei que correram para o hospital.

— Alguém tem que fazer algo para esse moço parar, seu Antônio. Não é possível que ninguém vai ter coragem de denunciá-lo a polícia.

— Gostaria muito que ele fosse preso, mas os pais dele são muito ricos e logo ele está nas ruas de novo.

— Os pais dele sabem de tudo o que ele faz?

— Devem saber, mas não se importam. São extremamente frios e materialistas. Não souberam dar amor ao filho único, compraram tudo o que ele queria, compraram até mesmo sua honra. Davam tudo a ele, só não souberam dar amor. Aí ficou assim, todo esquisitão.

— Espero que ele nunca mais volte aqui.

— É João, eu também. Oi Juca, tudo bem?

Você parece estar eufórico!

— Oi seu Antônio, Oi João... Boas novas... prenderam o Gualberto. Foi o maior escândalo na rua e ele entrou no carro da polícia com a maior pompa, nariz empinado e dando risadas. Prepotente, ambicioso, esse tem que quebrar a cara.

— E a criança, você tem notícias?

— Não boas João, ele veio a falecer, não resistiu, coitado.

João fechou os olhos. Sentiu uma grande tristeza e em seu íntimo foi capaz de ouvir o som do tiro — Deus, peço que ampare a alma deste menino. Amigo, peço que ajude esta criança, que não sabe direito o que lhe aconteceu. Izet, se puder me ouvir, peço que guie os passos da família desse menino, e lhes dê o devido conforto no coração.

Seu Antônio começou a passar mal com a notícia. A ira cresceu-lhe aos olhos — Tenho vontade de ir lá e matar esse vagabundo. Que o diabo o carregue.

— É isso aí, poderíamos formar um motim e acabar com ele — disse Juca.

— Calma gente! isso não vai levar a nada. O que devemos fazer agora, em primeiro lugar, é orar pela família da criança, que assim como nós, estão revoltados e com muito ódio. Temos que pedir para que essa alma juvenil suba aos céus e em paz. Que ele não se revolte e perdoe esse infeliz que o matou. Não adianta fazermos a justiça com nossas mãos, pois sempre que assim fazemos, utilizamos o ódio e não o amor. Não resolve nada querermos mudar o percurso

da vida dos outros com nossas mãos. A justiça deve ser a divina, a vinda por Deus, por amor e podem ter certeza que esse tal Gualberto já está com a dívida muito alta, para nós ainda queremos afundá-lo mais. Mesmo não concordando com o que ele faz e fez, nós não podemos odiá-lo, temos que pedir aos anjos, a Cristo, a Deus, que ampare essa mente insana e o auxilie para que, um dia, entenda os seus erros e, pelo menos, pague suas dívidas com dignidade. Este é um infeliz e se não mudar, nunca saberá o que é viver em paz.

— Esse cara nunca vai mudar, e se ninguém fizer nada ele ficará por aí, nas ruas, matando as pessoas de graça.— disse Juca.

— Por incrível que pareça, ele só irá mudar se conseguirmos enviar a ele, sentimentos de amor e não de ódio. Só se vence o inimigo com o amor.

Seu Antônio e Juca não concordaram com o que João havia dito. Não conseguiram entender que somente com amor é que, esse Gualberto, iria se enfraquecer, e aí sim, começar a se sentir humilhado e pequeno perante aos outros. Mas o sentimento humano bate mais forte nessas horas. Cada qual quer ter a sua razão e se esquecem que existe um alguém que a tudo sabe e a tudo vê, e que só esse alguém é capaz de fazer a divina justiça. Mas, infelizmente, o ser humano, quando passa por uma situação dessas, se sente superior a Deus, não acreditando que ele sabe o que é melhor e se sente no direito de se sentar em seu trono e julgar os réus

João achou por bem contar tudo a Catarina,

não estava se sentindo bem escondendo dela o que sabia.

— João, como pode um ser desse viver a nossa volta. Ele é um perigo para as pessoas. Não entendo, se Deus dá o livre arbítrio para nós voltarmos, para reencarnarmos para corrigir nossos erros, como é que esse animal irracional, volta e faz tudo isso. Será que na encarnação passada ele foi pior do que é hoje?

— É Catarina, realmente é de cair o queixo. Não dá para entender. Acho que essa é uma boa pergunta para ser feita à Izet.

Neste momento a campainha tocou e João foi ver quem era e para sua surpresa e a surpresa de Zaber era a Olívia, a amada Amália.

— Aí meu Deus, vou embora daqui. Não vou conseguir ficar ao lado dela sem lhe tocar — e andando de um lado para o outro, lembrou-se de Abad, severa e serena, olhando-o bem dentro de seus olhos. Criou coragem e ficou. Tinha que provar, para si mesmo, que sabia controlar suas emoções. Sentou-se em cima do armário da cozinha e ficou ouvindo a conversa.

— Oi João, como vão as coisas. Vim saber notícias do Zé.

— Entra tia, ele está bem, graças a Deus, amanhã talvez poderemos vê-lo.

— Tia, que bom que veio. — Catarina explicou tudo o que o médico havia lhes dito, e também contou-lhe sobre a trágica história do garoto e a arrogância de Gualberto.

— Bom, com certeza Izet saberá dar melhores explicações de todo esse ocorrido, mas garanto a vocês que Deus dá a todos o seu

direito de escolha, nós é que não sabemos usufruir dele.

— Você poderá chamá-la aqui?

— Ela já está aqui. Dê-me um copo com água e acenda uma vela branca, ali.

Catarina foi correndo buscar a vela e a água, estava ansiosa para conversar com Izet. Quando Olívia sentiu que era o momento, concentrou-se e deixou Izet fluir.

— Olá garotada, tudo bem com vocês?

— Tudo bem. Adivinha se não temos perguntas a fazer?

— Vejo que hoje a menina está mais animada.

Izet olhou para cima do armário. Deu risada — O que você está fazendo aí, rapaz? Se cair pode quebrar o nariz.

— Engraçadinha. Estou confortável aqui.

— Quer um café? Eu sirvo!

— Pare de me tratar assim, fico encabulado.

— Ulálá, só queria deixá-lo mais a vontade e se você se sentir melhor, pode entrar na gaveta, tá!

— Você não tem jeito mesmo!

— Isso, sorria, você fica mais simpático. Qualquer hora vou aplicar-lhe uma peça.

— Olha lá o que vai fazer. Sabe que ainda não tenho a devida estrutura.

— Claro que tem, afinal o armário ainda está de pé!

— Não sei até quando, só de ver Amália fico tremendo, me sinto uma gelatina.

— Quer ir ao banheiro?

— Chata!

Dando risadas Izet voltou a conversar com

as crianças. — Muito bem, ouvi as conversas de vocês, não que eu seja enxada, mas já que eu estava por aqui, então, tinha que ouvir.

Veja bem, não há nada de complicado nesta situação, quem realmente complica tudo são vocês, seres humanos. A questão principal de vocês é sobre o porque este rapaz reencarnou.

Vamos aos fatos, este moço sempre possuiu má índole em outros tempos. Foi este, uma alma perdida, até que um belo dia se redimiou com o coração. Foi acolhido por nós e por Deus. Teve suas instruções e aprendizado como todos que vão “aos céus”. Arrependeu-se de seus erros, ora cometidos, e resolveu voltar. Não conseguiu colocar em prática tudo o que havia aprendido conosco, sentiu-se poderoso fazendo maldades, pois era mais fácil de conseguir o que queria. Teve um desencarne horrível e foi para o purgatório, o que vocês chamam de inferno. Lá sofreu todos os desejos da carne, na pior das formas. Lá realmente sentiu dor, frio, fome, doenças corroendo, não seu corpo, mas sim sua alma. Ficou amargurado. Sentia-se queimando, se decompondo, mas sua prepotência era seu guia e depois de muito sofrer humilhações, dores, infelicidade, se redimiou e voltou “aos céus”. Este foi o pior período que ele poderia ter passado. Como Deus é pai, lhe deu uma nova chance, mais uma vez recebeu tratamento, recebeu amparo, auxílio, ensinamentos e luz. Resolveu reencarnar e ir para uma família rica e poderosa e provar que poderia ser humilde, que sua riqueza seria dividida com os pobres, que iria praticar a caridade e acima de tudo,

amar o seu semelhante, porém, quando uma pessoa que já foi extremamente ruim, quando reencarna, traz consigo, em uma de suas auras e em seu subconsciente, a energia desse sentimento. É o que chamamos de provações; apesar de não se lembrar do que já se foi um dia, estas vibrações, estas energias, voltam e batem a porta e se esta for aberta, então, tudo volta a ocorrer como antes, ou até mesmo, pior que antes. Este sempre agiu com tendências negativistas, compactuando com um lado perverso, e acredite vocês ou não, ele se sente bem com isso.

Este voltou para tentar, pelo menos, ser menos arrogante, mas o poder lhe arde nas veias e aí fica como está hoje. Digo até que, nesta, ele estava se saindo bem, mas quando percebeu que o dinheiro poderia comprar tudo, então resolveu vender sua honra, e, mais uma vez, deixou que a energia negativa infernizasse sua consciência e este deixou com que ela entrasse. Realmente é uma alma digna de piedade. Devem orar muito para que se redima, enquanto há tempo, porque, senão, com certeza, irá sofrer tudo o que fez para os outros e aí é que vem o pior, pois até que se entenda que está colhendo o que ele próprio plantou, demora-se muito e com isso, até mesmo depois da morte da carne, fica infernizando a vida dos outros. Mas de tudo, posso garantir que Deus, em sua simplicidade e bondade, está enviando aos que cercam e são cercados por este moço, a devida paciência e paz. Este rapaz vai colher todos os seus frutos e terá que comê-los.

Espero que um dia ele possa ser considerado, pelo menos, um ser pensante.

Há muitos casos desse tipo, aqui na terra de vocês. Na verdade até fazem o equilíbrio das forças do universo, positivo e negativo. Porém o caso deste rapaz é totalmente para o negativo, pois seu lado positivo foi assassinado por ele, assim como a criança.

— Izet, essa passagem que você nos contou, que ele se redimiou, isso foi falso? Foi só para enganar e conseguir sair de onde estava?

— Ninguém engana a Deus, minha filha. Ele realmente se redimiou naquele momento. Quando estava aprendendo e revendo tudo o que fez, ele próprio, se odiou, não se conformou por ter feito tanta besteira. Ele próprio se propôs a mudar, chegou a pedir a ajuda dos guias para que, quando aqui estivesse, não deixassem ele cair em tentação. Deus não escuta as palavras saídas pela boca, ele escuta, sente o que vem de dentro do coração, do interior, do pensamento.

— E esses guias, vendo tudo isso, como ficam? Ainda estão com ele?

— Não menino, tiveram que sair de sua presença, e ficaram orando por ele, a distância, pois quando uma pessoa se deixa trilhar por esses rumos, ela está entregando sua vida aos espíritos zombeteiros, ao lado negativo, aquilo que vocês denominam de capetas, diabos, exús, dando assim força a eles e com isso eles dominam a situação, auxiliando, a esse pobre moço, a ser mais ruim do que já é, e com isso as entidades de luz, que respeitam uma

hierarquia e o livre arbítrio das pessoas, se afastam. No caso, este rapaz quer isso para ele, então ele está permitindo que este lado o domine e o guie. Nada mais podemos fazer que não seja orar para que ele, um dia, aprenda a viver em paz.

— E hoje, ele vive em paz?

— Só vive em paz aquele que sabe perdoar, amar e honrar o nome do Pai e seus semelhantes, como a ti mesmo. Não é o caso desse moço, pois podem ter certeza que quando está sozinho, este, sente a falta de alguém acariciando sua pele, afagando seu cabelo, e aí se sente coagido, achando que isso é uma fraqueza dele, então, revolta-se mais, é onde coloca em prática todo o poder que supostamente acha que tem. Não há a devida humildade para assumir que sente a falta de amar, de ser feliz.

Quando está no alge da maldade, se sentindo o dono do mundo, sente-se poderoso, o rei dos reis, principalmente quando percebe que conseguiu seu intuito, que é ofender alguém e esse se sentir ofendido, machucar alguém e este se sentir uma presa, humilhar alguém e este começar a chorar, ou a passar mal, que foi o caso de seu pai. Quando alguém demonstra medo para ele é onde seu brio, seu ego, seu egoísmo, mais cresce e sente-se dono de toda e qualquer situação. Sente o poder de comandar. Mas é um coitado, pois quando daqui partir, mais uma vez, vai passar por tudo o que fez com os outros, e garanto que, de uma forma bem pior.

Uma pessoa desse naipe não é capaz de sentir a paz, o amor, pois são sentimentos nobres e este nunca conseguirá sentir suas proezas, porque ele próprio não as permite.

— Há alguma chance de recuperação para esse moço, hoje, ainda aqui nesta terra?

— Sinceramente, pelo o que estou sentindo aqui, não. Ele é extremamente arrogante, sem princípios ou fins. É ousado demais para ser humilde e recapitular tudo o que fez até então, e saber pedir perdão. Mas quer ver uma forma que ele ficaria de quatro, sem nenhuma saída... é ignorá-lo e tratá-lo com a maior indiferença. É olhar bem dentro de seus olhos e lhe transmitir menosprezo. Estes sentimentos matam sua arrogância e aí quem tem medo e se sente coagido, é ele.

— Ué, por que?

— Porque, filho, são sentimentos que significam o “nada”, portanto não se transmite nem medo, nem ódio, nem amor. Transmite a ele o que realmente ele é, um nada.

— E quanto ao garoto que faleceu? Como fica sua alma, sua família?

— Veja bem, este já sabia que isso iria acontecer com ele. Quando reencarnou sabia que sua vida seria curta, pois faltava bem pouco para que cumprisse seu tempo aqui. Então, assim que se desvinculou do corpo, os anjos de guarda e as entidades de luz, já foram em sua busca e este foi embora de bom grado.

Agora, o que é difícil, é fazer a família entender isso. Mas com o tempo e com muita oração, o coração deles recebe as emanções e

acaba se acalmando e se reconfortando. Numa situação dessas, ou seja, um assassinato, é quando mais temos que trabalhar com vocês, pois se tem um sentimento difícil de se controlar, este é o ódio. E vocês conseguem alimentá-lo e engordá-lo muito mais facilmente do que o amor.

É muito mais fácil odiar do que amar. Para odiar basta um segundo, um gesto, uma fala, para amar demora-se, as vezes, todo o tempo que aqui ficam. Porém tudo o que vem fácil, vai fácil, e o ódio é a pior arma que vocês possuem dentro do peito. Ele realmente é capaz de destruir uma nação. O amor é a arma contra todo o mal que o ódio causa. Aí entramos em “guerra”, usamos armas de amor para tentar combater as bombas de ódio.

— Como fazem isso?

— Oramos, oramos muito por todos os seres deste universo.

— Só oram?

— Eu disse que este sentimento, chamado amor, é uma arma e como todas as outras, é muito poderosa. Quando oramos é exatamente este sentimento que emanamos para as pessoas; esta bomba atômica chamada amor, acompanhada por batalhões armados de canhões de paz, metralhadoras de felicidade, revólveres com balas de harmonia e união, espadas de respeito e dignidade; é esta a nossa guerra e a nossa paz.

Quando falo em oração, não falo daquelas que vocês estão acostumados, aquelas que vocês decoram e quando esquecem uma

palavrinha, esquecem o resto da oração. Falo da oração vinda do coração, uma música é uma oração. Basta uma elevação do pensamento à Deus para orar, para falar com a alma, para expressar com o coração. Tudo o que é feito e falado com amor, por amor, é uma oração. As emanações compostas por uma oração são enviadas a quem de direito e é aí que falo da guerra, onde esta emanação choca-se com a vibração do ódio do coração de cada ser.

— E quem geralmente vence?

— O vencedor, meu filho, são vocês que decidem. Se preferem cultivar o ódio, este ganha, se preferem cultivar o amor, a vida ganha, Deus ganha, vocês ganham. Até mesmo, neste momento, o livre arbítrio está em suas mãos. Partindo deste princípio o culpado maior de tudo dar errado, de não se conseguir alcançar os objetivos, de não conseguir amar e ser amado, de não ser feliz, não é Deus, mas sim vocês próprios.

— Como se combate a revolta para uma situação dessas? Analisando os fatos de todo o ocorrido, como não sentir ódio de um ser deste? Acho isso muito difícil!

— Sei que é difícil, mas para Deus nada é impossível. O que se deve fazer? Primeiro se auto doutrinar. Não digo que não sentirão o ódio no momento de uma notícia dessa, no choque de uma situação, mas como já falei, existe a arma chamada amor e neste exato momento de ódio, deve-se orar e pedir para que este se afaste, para que Deus aja com sua justiça, para que o infeliz que matou uma

criança, conheça a Deus, acate a Deus, responda por seus atos a Deus, e aceite a si mesmo.

A auto doutrina é você se colocar no seu devido lugar e não ultrapassar o campo do outro.

— Não entendi.

— Quando você se doutrina sabe muito bem aonde pode pisar. Você tem total consciência que não deve julgar seu próximo, não deve criticá-lo. Na maioria das vezes, por ironia do destino, todos aqueles que vocês julgam, se achando neste direito, são exatamente os reflexos de suas atitudes. Portanto o primeiro a ser julgado por você, deveria ser você mesmo. Esta é a auto doutrina. Este é o ensinamento de Cristo: “Amai e respeitai uns aos outros, assim como a ti mesmo”, mas esta é uma frase decorada que poucos param para pensar em seu significado.

— Você disse que o garotinho já sabia que sua vida aqui seria curta. Como ele sabia, era vidente?

— Não menina, quando ele resolveu reencarnar, ele sabia que teria uma curta passagem aqui, pois assim escolheu. Ele veio somente para ensinar a mulher, que hoje é a mãe dele, a saber amar todos os seus filhos, pois ela sempre deu preferência para um único e, hoje, ela tem oito filhos, sendo que este garotinho era o mais novo. Ele, em sua humildade, veio e amou todos os seus irmãos e pais por igual. Não discriminava nenhum deles e agora, com sua morte, a mãe vai sentir o que

aqui ele plantou. Ele resolveu reencarnar para poder ajudar os outros, e no dia de sua morte, os espíritos de luz já estavam com ele, mesmo antes do desencarne, emanando-lhe energias positivas e reconfortantes. Ele realmente não estava entendendo nada, somente o presságio da morte.

Quando se desligou da matéria viu a sua frente o seu mentor espiritual e o reconheceu, então foi embora sem pestanejar ou indagar.

— Isso acontece com todos, quando morrem?

— Infelizmente não, há aqueles que ao desencarnarem não querem aceitar a morte, não querem acompanhar as entidades de luz, e aí demoram um pouco para saírem dessa esfera. Há outros que por serem materialistas se revoltam, outros que por não entenderem quem é Deus, ficam com medo e fogem, vagando pelas ruas, e há aqueles, que pode ser considerado o caso desse matador, que quando se desvincula da matéria, os espíritos vingativos, zombeteiros, que o acompanharam em vida, porque ele assim quis, os carregam para seu mundo, e lá... e lá é o triste, o mais triste.

— Como conseguem sair de lá?

— Somente por Deus, e para isso, esse ser tem que ser muito, muito humilde, realmente se redimir.

— No caso desse matador, quando desencarnar dessa vida de agora, ele ainda tem chances de consertar seus erros?

— Volto a repetir, Deus é pai, portanto ele tem que ser humilde suficiente para conseguir sair das trevas e ir para os campos da paz.

Deus, em toda sua existência, deu, dá e sempre dará novas chances. Ele é o pai, mas não é por isso que vai encobrir os erros dos seus filhos, por isso colhe-se o que se planta, e na nova sementeira, quem sabe, os frutos serão sãos! Depende unicamente de cada um. Se esse rapaz não alterar sua vida aqui, a hora que ele desencarnar e ver aqueles zombeteiros ao seu redor, reconhecendo-os, aí meus filhos, ele se lembrará do que eles já fizeram com ele, e aí ele começa a comer os frutos, podres e bichados. Infelizmente.

— É Izet, realmente somos muito pequenos.

— Talvez filho, se todos pensassem assim, é que vocês iriam conseguir ser grandes e vitoriosos. Bem espero ter conseguido explicar e sanar suas dúvidas. Com certeza outras virão e, então, se me for permitido, voltarei para saná-las. Menino, espero que tenha prestado bastante atenção em tudo o que falei.

— Com certeza, foi muito bom ouvir suas explicações. A propósito, como vai o meu amigo?

— Engavetado.

Zaber começou a rir, as vezes não se conformava com as ironias de Izet, mas sabia que ela só queria ser sutil e transmitir alegria.

— Como engavetado? Não entendi!

— Estou brincando. Ele está bem, digamos um tanto gelatinoso, e ansioso pela próxima sessão.

— Não sei se poderei ir, pois tenho o bar para cuidar e este só fecha bem depois que a sessão começou.

— Hum... ajudarei você, não se preocupe — olhou para Zaber — Já sabe o que tem que fazer né, cerejinha?

— Cerejinha?

— Adorava gelatina de cereja.

— IZET !... — Adoro sua ousadia.

— Eu sei — Boa noite meninada e quando seu papai voltar para casa virei visitá-lo.

— Assim? Incorporada?

— Credo menina, você quer matar seu pai do coração? Assim eu parto a ponte dele ao meio! Virei espiritualmente e enviarei as devidas vibrações para que ele tenha uma boa recuperação.

— Obrigada.

Izet se foi e Olívia voltou.

— Tia, Tia, você precisava ter ouvido as explicações de Izet. Foi o máximo!

— É, eu sei, ela me deixou ouvir o que falava. realmente, uma palavra de um ser de luz é sempre bem vinda.

Olívia ficou para jantar com eles. Não tinha a preocupação dos filhos, pois estes haviam ido acampar com os professores da escola. Zaber, todo atrapalhado, não sabia como ficava, se em pé, sentado, deitado. Izet, que ainda estava por lá, ironizava a situação e no começo Zaber irritou-se, mas depois também ficou fazendo gracinhas, e com isso suportou ficar ali.

— Tia, já que está sozinha em casa, por que não dorme aqui, eu iria adorar.

— Tudo bem, não há problemas.

— Então venha, vamos para a sala, ficaremos mais a vontade. João ficou acanhado e Catarina,

percebendo, pediu para que ele ficasse conversando com elas.

— E você João, conseguiu solucionar seus problemas ?

— Sabe tia, se assim me permite chamá-la, eu não estou mais preocupado com eles. Estou adorando tanto a sensação de ser médium que, para mim, deixou de ser um problema, o que me afligia. Posso dizer até que estou feliz por tudo o que aconteceu, afinal foi por causa de um aparecimento em uma praça que descobri uma nova família e o mundo espiritual.

— Acho que João é um instrumento de Deus! Você não acha tia?

— Na realidade todos nós somos, apenas não percebemos isso ainda.

— Como você descobriu que era médium?

— Xi, João, é uma longa história, mas resumindo, eu tinha fortes enxaquecas e nenhum médico descobria sua causa. Uma vizinha que acompanhava meu caso, me levou para um centro espírita para eu tomar passes, e lá descobri que este era um sinal de minha entidade.

— E você já sentia alguma coisa? Quero dizer, você sabia algo sobre o espiritismo, sobre entidades?

— Mais ou menos, ouvia muito essa minha vizinha contar o que aprendia neste centro, mas não acreditava muito, porém sempre aconteciam coisas estranhas comigo, do tipo, imaginar uma cena e depois de alguns dias ela acontecia, sonhar com um local desconhecido e depois de algum tempo, passar por ele. Quando Izet

incorporou pela primeira vez, para mim, foi um verdadeiro susto, pois senti meu corpo diferente, me sentia alta, com mãos grandes, achava que minha voz até havia mudado. Havia uma força interior em mim que eu não sabia explicar. Aí eu acreditei um pouco. Logo ela passou a ser uma entidade de atendimento e percebi que era bastante faladeira e brincalhona, totalmente meu contrário, pois sou muito tímida, e assim, não falo muito. Percebia como ela cativava as pessoas e eu, nesta época, via e ouvia tudo e todos. Muitas vezes ela me demonstrava sua presença, mas eu tinha medo de estar me enganando, fantasiando ou enganando a eles. No dia que meu marido faleceu eu havia sonhado com ela me acalentando e pedindo para eu ter fé, para eu não esquecer que ela sempre estava comigo e estaria sempre. Passei o dia inteiro com aquilo na cabeça, pois não tinha visto o seu rosto, apenas ouvido nitidamente sua voz, e quando chegou a noite, pronto, ele faleceu. Só então entendi o seu recado. Muito chocada com o acontecido, me senti sozinha, perdida, com dois filhos para criar, foi onde comecei a conversar com ela, indagando sobre tudo o que você possa imaginar.

Lembro-me que, como nunca tinha trabalhado antes, consegui lavar roupas para os outros e conversando com Izet, lhe disse que aquela calça estava muito imunda, achava que seu dono havia se esfregado no chão, quando ouvi alguém respondendo — Talvez ele trabalhe como lustra taco. Nossa, fiquei tão assustada, pois sabia

que meus filhos estavam dormindo, e nem falavam direito. Olhei a casa inteira para tentar achar alguém, e esse alguém era a Izet.

— Você já a viu?

— Não, nunca a vi, somente a escuto, mas eu a imagino uma mulher altiva, com um sorriso sincero e um olhar bem cínico. Acho ela um máximo. É uma excelente amiga, companheira.

— Por que você saiu do centro que freqüentava?

— Me desentendi com algumas pessoas.

— Se desentendeu dentro de um centro espírita?

— Sim elas queriam cobrar as consultas e eu não concordava. Dizia a elas que se recebi esse dom de graça, de graça eu ofertaria, que o povo que freqüentava aquele centro era pobre, e não era justo fazer isso com eles, pois precisavam de ajuda e lá não havia nenhum show para se cobrar ingressos. Porém minha opinião e nada foi a mesma coisa. Me incomodei muito com a situação. Não me conformava que pessoas com o mesmo dom que o meu, queriam extorquir dinheiro de um povo necessitado, e o pior, esse dinheiro era para benefícios próprios e não para sustentar a casa. Então achei melhor ir embora, e claro, tive o apoio de Izet. Como não conhecia outro local ela me propôs para que trabalhássemos sozinhas e me disse que com o tempo outras pessoas apareceriam. Minha vizinha fez o favor de avisar a todos que Izet estava atendendo em casa e aí começou a aparecer o público. Essa vizinha está conosco até hoje, é a que toma conta do público e é a fã

número um da Izet.

Com o tempo Izet convidou uma pessoa para ajudar no atendimento, hoje ela é uma das médiuns que você viu lá. Depois veio a outra.

— Quando você começou a ser inconsciente?

— Quando consegui minha primeira comunicação com Izet passei para o estágio da semi-consciência e depois de alguns anos me tornei inconsciente . Eu passei a acreditar mais nela, considerando-a minha amiga, minha irmã, como se fosse uma humana, que eu poderia conversar, rir e chorar. Aceitava suas opiniões e ela as minhas, apesar de, com jeitinho, sempre tentar mudar minha forma de pensar, quando eu estava errada, e eu aceitava. Hoje vejo o que ela quer que eu veja e ouço o que ela permite, e eu aceito isso.

— Quando você não vê e nem ouve, como você fica?

— As vezes, quando ela sai de meu corpo, parece que acabei de acordar e não lembro do sonho, mas sei que sonhei algo. As vezes me vejo ao seu lado, mas enxergo só a ela e nada mais.

— Mas você disse que nunca a viu, só a ouve!

— É João, eu vejo o meu corpo. O que no começo era engraçado, pois me via andando de lá para cá, sem sair do lugar, com um sorriso no rosto. Ela me explicou que quando isso ocorre é porque o meu espírito saiu do corpo e quando tenho a sensação que dormi é porque ela se sobrepõe ao meu espírito.

— Quando você era consciente, como se

sentia?

— Muito confusa, as vezes achava que era eu, as vezes não conseguia relaxar e deixar ela trabalhar. Lembro-me que tinha muito medo de estar fazendo as coisas erradas, até o dia que me revoltei comigo mesma, achando-me covarde e aí pedi a ajuda dela para superar isso. Não gostava de ouvir suas conversas com as pessoas, achava tudo muito pessoal e eu não tinha nada a ver com isso. Foi onde comecei a prestar atenção somente nela, não nos seus conselhos, no seu modo de andar e não aonde ela ia, de sorrir, não me importando para quem, e assim fui compreendendo seu modo de ser e passei a respeitá-la e admirá-la. Não me importava mais se havia ou não alguém em sua frente, me importava em senti-la, e isso foi o que mais nos aproximou, mais me deu força, para passar para um outro estágio.

E assim passaram a noite toda conversando. Quando deram por si perceberam que a madrugada já havia entrado a muito e resolveram dormir, os três, na sala. João se sentia maravilhado no meio daquelas duas mulheres, pois as considerava realmente como tia e irmã, era como se tivesse voltado para seu ninho.

— Puxa vida acabamos de dormir e já temos que levantar?

— Você ainda pode ficar aí dormindo; e eu e João que temos que trabalhar!

— Sinto muito mas vou dormir mesmo. Tchau tia, obrigado pela visita, foi muito gostoso essa noite ...

— Xi tia Olívia, ela dormiu de novo.

João foi abrir o bar e Olívia foi embora; Zaber fez questão de acompanhá-la. Izet deu um susto em Zaber e este soltou um grito.

— Nossa amigo, parece que viu algum espírito?

— Eu falo que você não tem jeito mesmo!

— Posso saber o que está fazendo aqui?

— Vim acompanhar Amália, não agüentei, desculpe-me.

— Você se fez presente para ela?

— Não.

— Você leu os seus pensamentos?

— Não, isso não.

— Ótimo, menos mal, agora, volte para seu garotão

— Não é uma boa troca, sabia?

— Tem certeza..., cuidado que lhe tranco na gaveta, heim!

— Tchau Izet... chata!

O dia todo Zaber ficou ao lado de João, ouvindo as conversas dos fregueses e prestando atenção nos pensamentos das pessoas. Descobriu muita falsidade, ódio, tristeza em suas mentes. Se indagava o tempo todo sobre o que poderia ter ocorrido com as pessoas para se desiludirem tanto e esquecerem do amor, de Deus, de Cristo.

Seu Antônio apareceu para tomar café — Está com cara de sono, João! Não dormiu direito?

Este contou-lhe sobre as conversas com Izet e Olívia.

— Quer dizer que você também recebe o santo?

— Acho este termo engraçado, mas se é assim que você conhece, então, tudo bem. Só não sei como vou fazer para freqüentar a casa da tia Olívia, pois não posso abandonar o bar.

— Quando você tem que ir lá?

— De terça e sexta.

— Não seja por isso, eu fico aqui e você vai para lá.

Lógico que ele falou isso porque Zaber estava cochichando em seu ouvido e acabou conseguindo convencer seu sub-consciente.

— Eh!! Viva ! Como diz Izet Ulálá, consegui ! Izet e Abad vão gostar disso!

— Mesmo seu Antônio, o senhor fará isso por mim?

— Claro garoto, por você e pelo Zé. Ele é meu amigo de infância. Ah! doce infância nós tivemos.

Zaber ao ouvir esta frase enviou mensagens para que João perguntasse coisas a ele, e assim conseguiu.

— Doce infância? Foi boa sua infância?

— Foi sim, tínhamos paz, alegria e até mesmo sabedoria. Éramos crianças livres e felizes.

— E o que aconteceu para hoje serem desiludidos?

— Não sou desiludido, apenas cansado. O tempo inteiro temos que correr atrás dessa porcaria de dinheiro. O tempo todo ficamos

preocupados com contas, com o amanhã. A violência aumentou nas ruas, isso devido ao desespero de um povo pobre, que necessita se alimentar e não tem como. O governo ao invés de ajudar, complica cada vez mais. O povo passa fome e sofre de muitas doenças e não recebe auxílio para isso. As crianças acabam vendendo sua infância para entrar no mundo dos adultos e com isso se tornam bichinhos revoltados. Ninguém mais confia em seu próximo, pois o jogo de interesses aumenta a cada dia. Quem tem boa vida, não se importa com quem está na lama. As vezes fazem campanhas e por obra do egoísmo e da falta de caráter, as coisas boas que arrecadaram ficam para quem moveu a campanha e já tem um teto, o resto, a tralha, vai para os pobres. Realmente é de se enojar, mas assim vamos vivendo, ou apenas passando o tempo.

Zaber começou a entender e já sabia o que teria que fazer daqui para frente.

— Você vai ao hospital João?

— O médico ligou de manhã e nos informou que seu Zé vai para o quarto após as dezesseis horas. Vou levar Catarina e depois volto para cá.

— Eu fico aqui enquanto você for para lá, espero você chegar e vou embora.

— Obrigado pela ajuda, seu Antônio.

E assim passaram-se os dias. Seu Zé foi para casa e estava tendo uma boa recuperação, Izet e Zaber sempre estavam presentes e contribuíram muito para isso.

João apenas dava uma pequena passagem para Zaber, para ambos isso era bom, pois estavam se conhecendo.

Catarina aprofundava-se cada vez mais em livros sobre espiritismo e passou a ser assistente das entidades.

Gualberto ainda estava preso e isso acalmava o coração de todos.

— Tenho saudades de Abad. Onde será que ela está? Nunca mais veio me ver, e não atendeu nenhum chamado meu. Oxalá esteja bem. Hoje será o primeiro dia que vou conversar com as pessoas, adoraria que ela estivesse presente, sinto coragem com ela. Queria compartilhar a felicidade de conseguir controlar meus sentimentos, posso até dizer que não sei mais o que é ciúme e sim amor, consigo ficar ao lado de Amália sem tremer, deixei de ser uma gelatina, e agora, Izet está procurando outro apelido para mim. Estamos nos dando bem, aprendi a respeitar Izet e suas brincadeiras, ela é ótima, e tudo o que pode, me ensina. A harmonia que há entre nós é muito grande e com isso conseguimos nossos objetivos, sei que é isso que falta para esses seres humanos. Estou feliz, muito feliz.

— Vim trazer-lhe o seu remédio, você está

bem?

— Não vendo a hora de poder trabalhar João, não consigo ficar tanto tempo parado, vou enlouquecer aqui neste quarto.

— Calma aí meu velhote, você tem que se recuperar bem e eu estou fazendo tudo direitinho, conforme me ensinou. Seu Antônio sempre me ajuda nas horas de pico, então não vejo porque se preocupar.

— Olhando bem para você, percebi que você amadureceu em pouco tempo, já não tem mais o olhar perdido de antes, até parece mais velho, deixou de ser uma criança. O tempo passa muito rápido.

— Olha, ainda não criei cabelos brancos, estou na flor da idade, uma idade que não sei qual é, mas realmente você tem razão, o tempo passa rápido e portanto temos que aproveitar seus segundos, pois não voltam.

— Você vai na Olívia hoje?

— Vou sim. Toda vez que tenho que ir lá fico o dia todo ansioso. Estou feliz por poder ser útil à aqueles que não vemos, mas que sabemos de sua presença.

— Vou lhe contar um segredo. Fique entre nós. No dia da cirurgia minha amada mulher veio até a mim e afagou meus cabelos. Sabe João, ela estava mais linda do que nunca e foi a partir desse momento que fiquei tranqüilo. Já tinham aplicado a anestesia em mim, mas parecia que minha lucidez estava no alge. Vi também um homem simpático e um médico do outro mundo, que estava de branco, e ficava ao lado do doutor que me operou. Falava muito

com este e eu sabia que o doutor não via este homem de branco mas, o que era surpreendente, é que tudo o que ele falava, o doutor fazia. Foi uma experiência bastante interessante. Vi também uma mulher muito alegre, sorria muito e não tirei os olhos dela, pois me transmitia algo muito bom. Ela aparecia de vez em quando, e era engraçada.

— Como ela era, seu Zé? — Lembrou-se de Izet.

— Olhos grandes, um sorriso lindo e maroto e um olhar terno, porém cínico. Era um cinismo sadio, um cinismo de quem só queria fazer os outros sorrirem. Ela brincava muito com o homem de branco e este chegou a pegar um objeto para jogar nela, porém não agüentava e ria com ela. O outro homem simpático ficou o tempo todo do meu lado, as vezes segurava minha mão. Não sei quem ele é, só sei que foi um grande amigo.

Depois disso, este homem sempre aparecia e junto vinham o de branco e a mulher engraçada, para me visitar. Parecia um trio perfeito.

João se emocionou, tinha certeza que era Izet e o seu amigo. Adoraria poder vê-los, porém sabia que existia o momento certo para tudo.

— Fico feliz que tenha conhecido novos amigos, seu Zé! Espero que agora acredite na existência dos espíritos.

— É meu filho, o universo é uma composição de mistérios agradáveis.

A noite João se concentrava para receber Zaber e este estava todo animado, iria poder

falar com as pessoas. Após todo o ritual, Izet puxou Zaber — Boa sorte e não seja tão tagarela quanto eu.

Zaber sentiu-se convicto de sua missão e recebeu seu primeiro paciente.

— Boa noite, como vai você?

— Mal, estou com problemas.

— E quais são eles?

— Ué, você não é um espírito, preciso falar o que aconteceu?

— Lógico que sim, não quero ouvir sua boca, quero sentir seu coração. É muito fácil eu só falar tudo para você e você apenas ouvir e não pensar. Quando tiver que colocar em prática o que só ouviu não saberá realmente o que é se expressar.

— Não entendi nada, não vim aqui para ficar mais confusa, vim aqui para ouvir e só.

— Você não precisa de um vidente, você precisa de ajuda e para isso abra-me sua porta, chamada coração, e convide-me para entrar, pois lá ficarei.

— É o meu marido, ele bebe muito e me bate. Quero matá-lo!

— Você já o matou! Você não o amou e hoje o odeia, com isso ele afoga suas mágoas em um copo.

— Injustiça de sua parte, eu já fiz o meu papel, casei com ele, lhe dei filhos, cuidado da casa e o aturo.

— E onde está o amor?

— Não dá para amar alguém como ele. Ele é um porco, asqueroso.

— Então por que se casou com ele?

— Amava-o.

— Não o suficiente para viver a vida a dois. Você nunca permitiu seu amor fluir. Queria sempre aparentar ser durona, queria ser bajulada. Só porque ele era um rapaz bonito e caiu na infelicidade de te amar, você se sentiu vaidosa e aí quis mostrar para suas amiguinhas que tinha conquistado o homem mais bonito do bairro. Seu ego foi a união de um casamento. Do que você pode reclamar agora? Deveria estar feliz, pois satisfez sua vontade.

— Você é um grosso!

— Não minha cara, é a verdade que dói. Porque você não muda a forma de ser com ele. Será que depois de tanto tempo juntos, você foi sempre uma pedra fria, que não soube nem sentir carinho por quem te ama? Será que já tentou conhecer realmente quem ele é? Nunca foi capaz de observar que é um homem bom, porém infeliz, porque você o faz assim? O maior problema, minha cara, é você e não ele. Mude sua forma de ser, aprenda a dar valor em seus sentimentos e nos sentimentos de seu próximo, e não haverá mais dores. Conheça o marido que tem e verá que realmente é o melhor homem do universo.

Chorando muito, ela virou e foi embora. Saiu com ódio de Zaber. Achou ridículo tudo o que ele falou — É um injusto, um idiota que não sabe de nada e ainda coloca a culpa em mim. Retardado, idiota, nunca mais ponho meus pés lá.

Izet riu muito de Zaber — E aí bonitão, como vai conquistar a confiança dessa mulher?

— Você vai ver Izet, a verdade dói mas é a verdade e ninguém poderá fugir dela. Ela volta logo, você vai ver, seu marido está doente. Logo, logo, ela volta, não vai pelo amor, vai pela dor.

João alucinado com as palavras de Zaber, começou a dar-lhe mais confiança e credibilidade. Sentiu que era alguém que queria ver a felicidade das pessoas. Era um homem maduro e sincero, gostou de poder ouvir seu amigo falar. Agora estava curioso para saber seu nome, pois não tinha se apresentado.

Algumas sessões ocorreram e como Zaber havia previsto a mulher apareceu e foi falar com ele.

— Olá, está mais calma?

— Não, meu marido está internado por causa da bebedeira. Ele está mal. Ajude-o, por favor.

— Do que está com medo? Você queria matá-lo até então e agora quer salvá-lo?

— Falei aquilo num momento de raiva, mas não quero o mal dele.

— Por que não assume que o ama? Seria mais fácil!

— É, realmente o amo, e voltei aqui porque você tinha razão em tudo o que me disse. A culpada de toda situação fui eu, eu não soube dar valor a ele e nem aos meus filhos. Agora que ele está a beira da morte eu percebi quanto o amo e quanto ele é importante para mim. Sabe, quando ele foi para o hospital, ele estava meio inconsciente, mas me viu e me disse que eu fui a mulher mais desejada, do mundo, por ele, e que, mesmo com todas as nossas

diferenças, ele poderia morrer em paz, pois eu o fiz feliz, porque, pelo menos, pode me ver todos os dias. Deus, peço perdão e uma nova chance. Quero realmente fazê-lo feliz.

— E se eu disser para você que ele cumpriu sua missão e que vai embora.

— Pelo amor de Deus, não... isso não, eu me mato.

— E vai resolver o que se matar? Você se mata e ainda carrega sua culpa e não resolveu nada.

— O que eu faço, por favor!

— Ame-o, mostre a ele seu amor, seu intenso amor. Coloque seu orgulho, seu egoísmo, na lata do lixo e ame-o, respeite-o

— Não deixe ele morrer!

— Não é a hora dele, só falei isso para você pensar mais a respeito. Só se dá valor quando se perde... acho que está na hora de você mudar esse provérbio.

— Com certeza, vou ser humilde e pedir perdão a ele. Vou pedir uma chance de fazê-lo feliz novamente.

— Vá com Deus e acredite sempre que Ele é o Pai e não abandona seu filho. Acredite que o amor, o respeito, a dignidade são fatores primordiais para se viver bem e feliz. Jogue fora tudo o que não presta e não agrega a nada, esqueça os bens materiais, pois você vai e eles ficam, e estes não sentirão sua falta. Somente o amor, o respeito, são capazes de alterar o rumo da infelicidade. Cultive, daqui para frente, sementes de amor e provará seus deliciosos frutos.

Seja feliz, feliz com Deus em seu coração, feliz amando. Boa sorte.

— Qual é o seu nome ?

— Me chamo Zaber. — João sorriu...

Esta saiu muito leve e confiante que o amanhã seria um novo e lindo dia.

— Zaber, parabéns. Você conseguiu. Puxa, assim eu me apaixono por você!

— Izet, sinto muito, mas meu coração já tem dona e meu amor será eternamente dela, mesmo que eu tenha que esperá-la por séculos, mas a esperarei amando-a e respeitando-a.

Izet fez cara de apaixonada, colocando suas mãos abaixo do queixo — Óh! cupido, não atire sua flecha em mim, Óh! Óh!

— Você ama alguém Izet?

— E muito, afinal somos movidos pelo amor, não é mesmo? Sem ele não existiríamos.

— Aonde ele está?

— É um humano, mas não sei seu paradeiro.

— Nunca quis saber?

— Sempre, mas achei melhor deixá-lo viver aqui, sem minha interferência. Sei que está bem acompanhado e voltará para mim, para sermos felizes juntos. A única coisa que sei a seu respeito é que é um político e que vai ser morto por ser honesto. E aí, a bonita aqui, estará lá na porta do paraíso, de braços abertos para recebê-lo.

— Esta ansiedade te perturba?

— Agora não mais; aprendi muito durante todo esse tempo e sei que este, tem sua hora certa. Enquanto espero, alegre os outros, amo as pessoas, os companheiros espirituais e a

Deus, e assim somos felizes.

— Com certeza, todos nós sempre seremos.

— Mudando de assunto, o tempo está se esgotando Zaber, e você terá uma grande missão daqui para frente. Faça o melhor, doe-se por inteiro.

— Do que está falando?

— De João!

— Entendi, farei o melhor, afinal depois da doce Abad, tive a louca da Izet para me orientar, não é mesmo?

— Obrigada pelo elogio, fiquei feliz... fiquei mesmo...

— Sua loucura anima até os pássaros desta terra, Izet, sua graciosidade, ora chamada de cinismo, movimenta os céus e transmite a paz. Obrigado por todo o aprendizado e logo nos reencontraremos.

— Foi bom ter você ao meu lado. Agradeço a Deus por mais um amigo. Ora... não me faça chorar...dá rugas. Mas ainda não achei um novo apelido para você. Talvez... deixa eu pensar...que tal Rosa Azul, é isso, minha Rosa Azul, aquela que só existe nos jardins do éden, palavras de João.

— Izet, você é maravilhosa, uma louca maravilhosa.

Seu Zé já havia voltado a trabalhar no bar, estava mais animado e feliz. Seu aspecto tornou-se mais sereno. Suas visões fizeram-lhe muito bem, aprendeu a acreditar nas proezas divinas.

Como sempre, Seu Antônio ia ao bar e ficava conversando com eles. Desta vez chegou eufórico.

— O que aconteceu Antônio? Que cara é essa?

— Não sabe da maior? Libertaram o Gualberto.

— Meu Deus, que ele não venha aqui.

— Calma seu Zé, não se altere, isso só vai lhe fazer mal. Calma.

Catarina que estava lavando os copos, ficou sem cor. Fechou seus olhos e ouviu um tiro. Deu um grito e foi correndo para dentro de casa. João foi atrás dela para tentar acalmá-la.

— Catarina, querida, calma, está tudo bem.

— João, não nos deixe, por favor.

— Do que está falando, esqueceu que sou seu irmão. Não vou lhe deixar. Nunca.

Passou a mão em seu rosto e começou a entender o porque ele havia aparecido do nada. Só não descobriu quem ele era.

Todos passaram alguns dias de tensão, pois a qualquer momento, o Gualberto poderia aparecer. Num dia ensolarado, Seu Zé começou a se sentir mal, pois não suportava o calor.

— João você pode ficar aqui? Vou me deitar um pouco, estou sentindo muito calor e um pouco de falta de ar.

— Claro que sim, pode deixar, tomo conta de tudo direitinho.

— Catarina já voltou?

— Não seu Zé, ela está na casa de tia Olívia, me disse que voltaria antes do anoitecer.

Como não havia ninguém no bar, João começou a conversar com Zaber, e este se fez presente.

— Zaber, estou feliz hoje e não sei direito porque. Tenho a sensação que alguma coisa muito boa vai acontecer.

— É, vai sim.

João deu um pulo, conseguiu ouvir a resposta. Soltando lágrimas de emoção, continuou falando: — Zaber, Zaber... é você?

— Em alma e em paz.

— Nossa senhora, nem acredito, eu consegui! Está explicado minha felicidade. Obrigado, meu amigo, obrigado mesmo.

E para a felicidade de Zaber, Abad apareceu.

— Oi meninão, voltei!

— Tive saudades!

— Eu também, mas não podia te acompanhar, tinha que deixá-lo agir com suas próprias forças.

— Eu havia intuído isso, mas tudo bem, agora está comigo novamente.

— Continue falando com ele.

— O que eu falo para ele?

— Zaber, faça de conta que não estou aqui.

— Oi João, estou contigo.

— Você não pode imaginar minha felicidade. Puxa vida! Como é gostosa essa sensação.

— Eu sei querido, também posso senti-la.

— Seja sempre bem vindo. Nossa ! Estou emocionado.

— Eu também. Quero que se lembre de tudo o que aprendeu conosco. Quero que coloque em prática os ensinamentos espíritas. Quero que não se sinta coagido, pois apesar de não me ver, saiba que estou ao seu lado.

— Acredito nisso. Acredito em ti e em todos os outros amigos de luz. Acredito em Deus. Obrigado por essa nova oportunidade. Obrigado por me fazer feliz e me ajudar a cumprir minha missão.

— Estou presente, não se esqueça disso.

Neste momento, seu Antônio apareceu e tirou a concentração de João.

— Ah! Oi, estava distraído.

— Percebi, cadê o Zé?

— Foi deitar um pouco.

— Que pena, então volto depois. Vim para lhe mostrar uma foto que achei, de quando éramos jovens. Tínhamos acabado de nos casar. Não sei se sabe disso, mas me casei no mesmo dia que o Zé e fizemos a festa juntos. Olha só a foto que tiramos em um passeio. Minha esposa era muito amiga da esposa do Zé. Olha só, esta é a Rosália.

João ficou pálido e sentiu que iria desmaiar, segurou-se na ponta do balcão e afirmou a vista. Não tinha mais dúvidas, era ela, a senhora loura que um dia veio falar com ele. Sem saber o que fazer, ficou olhando assustado para a foto. Mentalizou Zaber — Deus do céu Zaber, esta é a senhora que apareceu em meus sonhos, nossa..., não estou entendendo. Por que

vinha a mim?

— Acalma-te João, logo terás as respostas.

— Seu Antônio posso ficar com a foto? Eu mostro para seu Zé.

— Claro que pode, assim que ele ver peça para ir falar comigo.

— Sim pedirei, até logo. — Zaber, não posso saber agora?

— Não João, mas falta pouco.

A freguesia começou a entrar no bar e João não pode mais se concentrar, apesar de não esquecer, por nenhum momento, tudo o que havia acontecido com ele, nesta tarde.

— Tia, eu vi tia. Vi como se fosse um relâmpago. Ouvi o tiro e vi.

— Quero que me escute. Sente-se aqui. Querida, tudo nesta vida é passageiro, não podemos mudar o fluxo natural das coisas. Isto está escrito e será cumprido. Graças a Deus.

— Mas o que tia?

— Não me peça maiores detalhes, apenas agradeça a Deus por, mais uma vez, ter sido muito bom com você. Lembra-se quando me perguntou se eu não achava que ele era um instrumento de Deus? pois lhe digo com toda a sinceridade, “ele é um Instrumento de Deus!”

Sinta-se feliz, pois um anjo caiu em seu quintal e você foi nobre o suficiente para acolhê-lo, cuidar de suas asas quebradas, aquecê-lo e, agora, ele deve voltar a voar.

— Tia, ajuda-me a superar.

— Venha, deite-se em meu colo, vou fazer-

Ihe cafunés.

— Olá Abad, quanto tempo!

— Oi Izet, vejo que cuidou bem de meu menino!

— Nosso menino. Agora ele também é meu, e caso não goste disso, vou puxar-lhe os cabelos.

— Continuas a mesma. Adoro isso.

— Eu também.

— Bom, vamos nos concentrar e orar. Já está chegando a hora.

— Sim vamos, sim sargento!

— Agora não é hora, Izet.

— Toda a hora é hora de ser feliz, amiga. — Com um gesto carinhoso beijou-lhe o rosto — Obrigado por toda a experiência que me transmitiu até hoje, você é uma excelente instrutora. É a mãezona.

— Pela primeira vez, vejo você séria.

— Por isso não, ouvi uma piada hoje, quer saber?

— Izet, vamos nos concentrar.

— Tuuuudo bem!

João começou a ficar apreensivo e não sabia porque. A imagem de Catarina veio a mente e teve um péssimo pressentimento.

— Seu Antônio, por favor, fique aqui, vou buscar Catarina.

— Por que? O que foi? Que cara é essa?

— Não sei, mas acho que ela não está bem.

— e com isso foi ao seu encontro.

Catarina já havia saído da casa de sua tia,

pensativa em tudo no que haviam conversado. Resolveu não voltar de ônibus, pois a casa de sua tia não era tão longe assim, e queria andar e pensar.

Próximo a sua vila, ouviu alguém chamá-la, olhou para trás e empalideceu.

— Olá garota, senti saudades.

— Suma de minha frente.

— Vem com o papai, vem sentar no colinho, vem...

— Gualberto, não quero sua companhia. Deixe-me em paz.

— Vem que vou te fazer feliz.

Agarrou-a em seus braços tentando beijá-la. Ela resistiu ao máximo, gritando desesperadamente, mas parecia que ninguém a ouvia.

Gualberto foi empurrando-a para dentro de seu carro, tinha más intenções e Catarina percebeu isso.

Chamou por Izet e Zaber, pedindo socorro, quando alguém gritou:

— Solte-a , solte-a, já.

— Gualberto olhou para ver quem era e João, brutalmente, arrancou Catarina de seus braços.

— João, João, graças a Deus.

— Acho que não nos conhecemos? — perguntou Gualberto

— Não precisa, já sei quem é você.

— E aí, quer sair no tapa, ninguém mexe com mulher minha.

— Ela não é sua mulher!

— Não. É sua por acaso?

— Também não, ela é minha irmã.

— Imagina só se vou acreditar nisso, sendo que eu matei o babaca do irmão dela.

Catarina empalideceu — ASSASSINO, MALDITO, ASSASSINO.

— Calma Catarina. — João abraçou-a e neste momento rapidamente viu a cena do crime. Havia uma discussão entre os dois e Gualberto disse que iria estuprar sua irmã. Carlos foi para cima dele, socando-o e Gualberto, muito esperto, estava de luvas de motoqueiro, entrou no reservado do bar e tirou a arma da gaveta apontando-a para Carlos. Neste momento Carlos sabia que deveria recuar, pois seus ensinamentos diziam que não se deve alimentar o ódio do inimigo e sabia que se algo acontecesse a ele, não haveria salvação para Catarina. Ele havia sido avisado disso, por Izet, onde esta pediu para ele ter calma e não partir para a agressão, teria que derrotar seu inimigo com palavras e não com socos. Mas o ódio do momento fez com que Carlos não respeitasse o que ela havia lhe pedido e partiu para a briga, porém Gualberto era o mais forte, pois estava armado, e sem dó, atirou. Quando este percebeu que Carlos havia morrido, colocou a arma em sua mão e foi embora.

Carlos... Carlos...

João voltou para a situação atual e Gualberto estava tirando Catarina de seus braços, a força.

Lembrou-se das palavras de Izet "... mas quer ver uma forma que ele ficará de quatro..., é ignorá-lo e tratá-lo com indiferença, é olhar bem dentro de seus olhos e lhe transmitir o que ele é, ou seja, nada".

Lembrou-se também dos conselhos de Zaber, e assim agiu.

Fitou-o com a maior segurança e o maior

desprezo, colocou uma maquiagem de cinismo e chegou bem perto dele, olhando-o bem dentro de seus olhos puxando Catarina para trás de si — Tenho pena de você, realmente é um ser desprezível. Sabe rapaz, um dia, quem sabe, você saberá o que é ser feliz. Para isso é necessário primeiro se encontrar com Deus; mas será que você saberá o que dizer para ele? Com certeza não vai poder falar “oi amigo, eu cumpri minha missão”. Será que você, um dia quem sabe, conseguirá saber o que é amar? Será que você, um dia quem sabe, poderá olhar para os céus e respirar aliviado?

Não, não... você não sabe o que significa a pureza da alma. Que pena... Que pena que mais uma vez, irá comer frutos podres e amargos.

Que pena que você não saiba nem o que é paz. Que pena que você não sabe de quem és filho.

Gualberto, imóvel, ficou olhando para João. Este virou-lhe as costas, abraçou Catarina e começaram a caminhar de volta para casa.

Seu Antônio e seu Zé vinham correndo em sua direção.

— Catarina, minha irmã, amo você e fique em paz, nada de mal irá lhe acontecer. Já acabou.

— João obrigado, também amo você. — Deu um grito.

Gualberto, corroendo-se de ódio, atirou nas costas de João.

O desespero foi geral, seu Antônio e seu Zé se aproximaram e tentaram reanimar João, porém era tarde.

— Oi amigo, sou eu, Zaber!

— Oi amigo, sou eu, Carlos!

— Parabéns, você conseguiu, parabéns!

— Voltou para nós, eu sabia, eu sabia que iria conseguir

— Voltei Abad, voltei e cumpri o que prometi, graças a Deus.

Carlos olhou para as pessoas que, ali, estavam chorando, gritando. Viu o rostinho de sua linda irmã, onde lágrimas de saudades a amarguravam.

— Deus, seu instrumento salvou minha vida. Abençoe-o e proteja-o. Zaber, cuide dele para mim, pois sei que este era o meu grande irmão. Obrigado Deus, Obrigado Zaber e Izet e obrigado João, ou se preferir, “Carlos”.

Carlos voltou-se para Zaber, apertou-lhe a mão, beijou o rosto de Abad e sorriu para Izet.

— Até que você é muito bonita, sabia Izet?

— Tinha certeza que iria se apaixonar. Quer casar comigo Carlos?

Todos riram e se despediram. Izet e Abad permaneceram para poder reconfortar o coração dos que ficaram.

— E lá vamos nós, mais uma vez...

— É Izet, vamos orar.

— Você tem certeza que antes não quer ouvir a piada?

— Izet!

— Ok, vamos orar, orar... adoro isso

— Adoro você!

Zaber levou Carlos para seu novo lar.

— Veja só que interessante, daqui para frente serei seu instrutor. Agora é meu aluno

— Fico feliz com isso, mas antes de qualquer coisa, posso meditar um pouco ?

— Claro, fique em paz.

— Deus, estou em paz e espero que realmente

tenha cumprido o que lhe prometi. Obrigado por tudo o que me concedeu. Obrigado por eu ter amado novamente. Obrigado por me perdoar e por ter confiado em mim.

— Desculpe-me interromper, mas temos visitas — disse Zaber.

— Olá filho, estou feliz em revê-lo.

— Oi mãe, preciso de seu abraço.

— Daqui para frente, vida nova. Parabéns, filho, você conseguiu.

— Graças a Deus.

E assim as pessoas que conviveram com o “João”, passaram o resto de seus dias lembrando-se que um amigo veio, pelas mãos de Deus, para ajudar, para ensinar o amor, para resgatar, para perdoar, para mostrar que Deus é Pai, bondoso e misericordioso, e depois de cumprir sua missão, voltou para os braços de Deus.

Logo que o figurante “João” faleceu, Gualberto foi preso e condenado a prisão perpétua, e aí percebeu que o dinheiro jamais poderia limpar sua alma das culpas e dos erros. Todos os dias se lembrava das palavras de João, e todos os dias se apavorava. Contraiu uma doença grave e faleceu como moribundo. Sua alma, mais uma vez, foi carregada para as trevas, porém estamos aqui, orando para que ele volte a se redimir e a se descobrir, e, principalmente, a descobrir a Deus.

Carlos, hoje gosta de ser chamado de Beto e optou por ser uma entidade de incorporação. Abad o acompanha, como sempre.

Izet continua louca e maravilhosa, afinal é a minha amada, e Zaber... Zaber é um grande amigo meu, que permitiu que eu narrasse sua história.

Hoje, de um lugar distante, viemos para transmitir a todos, os nossos mais ternos ensinamentos, nossas mais fascinantes emoções, nosso amor, pois foi isso que o Paizão nos deu de coração.

Hoje, mesmo longe dos olhos, estamos presente em corações e almas, e isso nos reconforta.

Amanhã, estaremos todos juntos.

Amem-se

Adonai

Relata a história de João, um ser vindo dos céus, que retorna para o mundo dos mortais, sem destino certo. Encontra-se com uma simples família, que o aloja e lhe transmite a devida paz que tanto o seu espírito necessita, adentrando, com isso, em um mundo não visto pelos humanos, o chamado mundo espiritual.

Seres de luz o orientam e também possuem a oportunidade de mostrar, ao caro leitor, uma simples visão de suas existências, e, principalmente, mostram que acima de qualquer razão, há alguém tão grande e onipotente capaz de trazer a todos os seres a devida paz, repleta do mais puro amor, mostrando-nos que o dia sempre amanhece.

Que Deus permita que realmente aqueles que entenderem o significado desta história, consigam passá-la adiante, não com palavras, mas sim em atitudes.

História enviada pelo espírito Adonai